

UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALFENAS

JULIA BRAZIL DE ALMEIDA

**TRABALHO E MAL-ESTAR DOCENTE: UMA ANÁLISE DE DISSERTAÇÕES E
TESES DA ÁREA DE EDUCAÇÃO DA ÚLTIMA DÉCADA**

ALFENAS/MG

2022

JULIA BRAZIL DE ALMEIDA

**TRABALHO E MAL-ESTAR DOCENTE: UMA ANÁLISE DE DISSERTAÇÕES E
TESES DA ÁREA DE EDUCAÇÃO DA ÚLTIMA DÉCADA**

Dissertação apresentada como parte dos requisitos para obtenção do título de Mestre em Educação pela Universidade Federal de Alfenas. Área de concentração: Educação.
Orientador: Prof. Dr. André Luiz Sena Mariano

ALFENAS/MG

2022

Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal de Alfenas
Biblioteca Central

Almeida, Júlia Brazil de.

Trabalho e mal-estar docente: : Uma análise de dissertações e teses da área da educação da última década / Júlia Brazil de Almeida. - Alfenas, MG, 2022.

72 f. : il. -

Orientador(a): André Luiz Sena Mariano.

Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal de Alfenas, Alfenas, MG, 2022.

Bibliografia.

1. Mal-estar docente. 2. Abandono da sala de aula . 3. Violência escolar .
I. Mariano, André Luiz Sena , orient. II. Título.

Ficha gerada automaticamente com dados fornecidos pelo autor.

JÚLIA BRAZIL DE ALMEIDA**TRABALHO E MAL-ESTAR DOCENTE: UMA ANÁLISE DE DISSERTAÇÕES E TESES DA ÁREA DE EDUCAÇÃO DA ÚLTIMA DÉCADA**

A Banca examinadora abaixo-assinada aprova a Dissertação apresentada como parte dos requisitos para a obtenção do título de Mestre em Educação pela Universidade Federal de Alfenas. Área de concentração: Fundamentos da Educação e Práticas Educacionais.

Aprovada em: 12 de dezembro de 2022

Prof. Dr. André Luiz Sena Mariano
Instituição: Universidade Federal de Alfenas UNIFAL-MG

Profa. Dra. Márcia de Souza Hobold
Instituição: Universidade Federal de Santa Catarina UFSC-SC

Prof. Dr. Marcos Roberto de Faria
Instituição: Universidade Federal de Alfenas UNIFAL-MG



Documento assinado eletronicamente por **André Luiz Sena Mariano, Professor do Magistério Superior**, em 12/12/2022, às 11:12, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



Documento assinado eletronicamente por **Marcos Roberto de Faria, Professor do Magistério Superior**, em 12/12/2022, às 11:18, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



Documento assinado eletronicamente por **Márcia de Souza Hobold, Usuário Externo**, em 12/12/2022, às 11:19, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site https://sei.unifal-mg.edu.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **0880320** e o código CRC **F787833B**.

Dedico este trabalho a memória do meu avô André, por todo amor e alegria que me deu durante sua estadia conosco. Nunca esquecerei dos esforços para que eu chegasse até aqui.

AGRADECIMENTOS

Em especial ao Professor Dr. André Luiz Sena Mariano, por ter me acolhido como orientanda desde a graduação, por todo carinho, paciência e por me proporcionar diversos conhecimentos, não só acadêmicos, mas também pessoais. Sem a caminhada ao seu lado este trabalho não seria possível.

Aos meus grandes amigos/as, que me acompanham desde o ensino médio e aos amigos/as que fiz ao longo dessa jornada, os quais estiveram ao meu lado nos momentos em que acreditei que não seria possível. O amor entre nós fez com que eu chegasse neste momento e sem vocês, isso também não seria possível.

À minha família, sobretudo ao meu irmão, André Luiz Brazil de Almeida e meus avós Aparecida Pimentel Brazil e André Luiz Brazil (*in memoriam*) por sempre acreditarem em mim, não só durante os anos de graduação e pós graduação, mas por toda a vida. Sem vocês, estar escrevendo os meus agradecimentos não seria possível.

A Universidade Federal de Alfenas, e a todos/as professores/as que contribuíram para minha formação integral.

A CAPES, o presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001.

RESUMO

Esta pesquisa teve como objetivo analisar dissertações e teses da área da educação, publicadas na última década na região sudeste, a fim de compreender como as pesquisas entendem/percebem o fenômeno do mal-estar docente, se este ocorre na realidade pesquisada, como se manifesta e quais são as medidas elencadas como possibilidades de superação deste mal. Orientada pelos pressupostos da pesquisa bibliográfica e estado do conhecimento, tivemos como referencial teórico José Manuel Esteve adotando uma abordagem sociológica. Os trabalhos analisados sinalizam que existem maneiras de minimizar tais situações, acreditamos na mescla de possibilidades: políticas públicas atreladas a espaços de debate/saúde dentro da escola, da promoção da autoestima do corpo docente, porém, sem colocá-lo com o único ser capaz de se curar. Para detalhar as questões acima, esta dissertação foi construída em duas sessões. A primeira seção aborda social e historicamente a história da docência, indo desde o seu surgimento atrelado à igreja até aos substanciais ataques que sofre na sociedade capitalista, bem como as definições de trabalho e trabalho docente, sua relação com o feminino e seus medidores de qualidade. A segunda seção aborda as categorias de análise e os aspectos convergentes e divergentes (aproximações e diferenças) dos estudos analisados à luz de nosso referencial teórico, buscamos elucidar que mesmo que existam diferentes abordagens de análise, sendo sociológica ou psicológica, defendemos e corroboramos com a abordagem de cunho sociológico. Como resultados pudemos perceber que os/as professores/as estão lecionando mediante sofrimento, condições lastimas estruturais, alta sobrecarga laboral, etc, tal como a literatura da área indica. Percebemos que a educação acaba cada vez mais em diálogo com a lógica da eficiência/eficácia se distanciando de sua real função.

Palavras chave: mal-estar docente; abandono da sala de aula e violência escola

ABSTRACT

This research aimed to analyze dissertations and theses in the area of education, published in the last decade in the Southeast region, in order to understand how research understands/perceives the phenomenon of teacher malaise, whether it occurs in the researched reality, how it manifests itself and what are the measures listed as possibilities for overcoming this evil. Guided by the presuppositions of bibliographical research and state of knowledge, we had José Manuel Esteve as a theoretical reference, adopting a sociological approach. The works analyzed indicate that there are ways to minimize such situations, we believe in the mix of possibilities: public policies linked to spaces for debate/health within the school, promoting the self-esteem of the teaching staff, however, without placing them as the only being capable of to heal. To detail the above questions, this dissertation was constructed in two sessions. The first section addresses the history of teaching socially and historically, ranging from its emergence linked to the church to the substantial attacks it suffers in capitalist society, as well as the definitions of work and teaching work, its relationship with the pheninine and its quality meters. The second section addresses the categories of analysis and the convergent and divergent aspects (approaches and differences) of the studies analyzed in the light of our theoretical framework, we seek to elucidate that even if there are different approaches to analysis, whether sociological or psychological, we defend and corroborate with the sociological approach. As a result, we could see that teachers are teaching through suffering, poor structural conditions, high workload, etc., as the literature in the area indicates. We realize that education ends up more and more in dialogue with the logic of efficiency/effectiveness, moving away from its real function.

Key words: teacher malaise; classroom dropout and school violence

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	10
1.1 PERCURSO METODOLÓGICO	12
2 ASPECTOS GERAIS DOS CONCEITOS DE MAL-ESTAR E TRABALHO E SEUS DESDOBRAMENTOS	18
2.1 MAL-ESTAR: UM OLHAR PSICANALÍTICO.....	18
2.2 MAL-ESTAR DOCENTE: TEORIA GUIA PARA UMA AÇÃO.....	23
2.3 TRABALHO E TRABALHO DOCENTE	27
2.4 FEMINIZAÇÃO DOCENTE: IMPLICAÇÕES DO FEMININO NO ÂMBITO ESCOLAR	32
2.5 SÍNDROME DE BURNOUT: UM DESDOBRAMENTO DO MAL-ESTAR DOCENTE.....	35
2.6 DOCÊNCIA: ADOECIMENTO E ENFRENTAMENTO	37
3 MAL-ESTAR DOCENTE NOS ESTUDOS SELECIONADOS: APROXIMAÇÕES E DIFERENÇAS	40
3.1 CATEGORIAS.....	50
3.1.2 Aspectos convergentes	50
3.1.3 Aspectos divergentes	56
4 CONSIDERAÇÕES FINAIS	58
REFERENCIAS	62
5 ANEXO A - RESUMOS	63

1 INTRODUÇÃO

O presente trabalho surge a partir de inquietações advindas do desenvolvimento de um trabalho de conclusão de curso, que analisou a ocorrência do fenômeno mal-estar docente em professores de Minas Gerais. Nesse sentido, pretendeu-se continuar as discussões acerca do tema, de forma a abarcar novos estudos que permitam entender/explicar a ocorrência de tal fenômeno em nossa sociedade, assim como verificar a existência de medidas para evitar tal fato.

No momento atual em nossa sociedade, temos assistido a uma demanda cada vez maior de atividades que os/as professores devem desempenhar, exigindo-se cada vez mais deles/as, todavia, tal fato não traz reconhecimento para a classe.

Pode-se dizer que a profissão docente se dá mediante a um paradoxo: de um lado, a extrema cobrança para que atenda satisfatoriamente às novas demandas da sociedade, e do outro, a falta dos devidos instrumentos e políticas eficazes para tal.

Autores como Hypolito (2020), por exemplo, ao traçar um panorama histórico acerca da profissão, afirmam que tal desvalorização ocorreu mediante o processo histórico do surgimento da profissão, que antes era intrínseca à Igreja, a vocação/dom, sacerdócio, daí seu alto status social, uma vez que a Igreja exercia grande influência sobre os intelectuais e a grande massa da população.

Quando surge a necessidade de as escolas serem abertas às camadas mais amplas da população, o clero sozinho não conseguia atender tais demandas. Com esse movimento, leigos foram convocados para exercer funções docente, mas para tal era necessário que estes fizessem um juramento de fidelidade aos princípios da Igreja, fazer uma profissão de fé.

Com o desenvolvimento da sociedade resultante de transformações amplas como a industrialização e mudanças na forma de organização do trabalho, mudanças políticas (em termos de ideário e de organização da sociedade) e modificações sociais, a educação também se modificou. Hypolito (2020) nos apresenta que o pensamento liberal defendia que a educação fosse pública e laica a todos/as, ou seja, defendia uma formação docente baseada em parâmetros técnicos profissionais e não em uma profissão de fé.

Ao se afastar desses ideais, por conta da necessidade de profissionalização, o/a professor/a se deparou com uma enorme contradição que em alguns aspectos, ainda a enfrenta,

Enquanto membro de uma comunidade (paroquial), influente e influenciado por esta, o professor detinha prestígio social, autonomia e controle sobre o seu trabalho; estes vão sendo perdidos quanto mais distanciada do controle comunitário e mais profissional vai se tornando sua função; ou seja: à medida que a categoria profissional aumenta quantitativamente, tornando-se assalariada, menor fica sendo seu prestígio social, menores sua autonomia e o controle sobre seu próprio trabalho; menor ainda, o controle que a comunidade pode exercer sobre a educação de seus filhos (HYPOLITO, 2020, p 31-32).

Anterior ao processo de profissionalização, o/a professor/a era muito integrado à família, de forma que frequentemente os pais indicavam o nome do/a professor/a que iria ensinar as primeiras letras aos filhos/as (HYPOLITO, 2020, p.32 apud, ARROYO, 1985a, p. 19)

A contradição que se visa destacar é a de que: enquanto o/a professor/a permanece próximo a sua comunidade, também permanece distante de uma perspectiva de profissionalismo (HYPOLITO, 2020). O/a professor/a se confunde com um amigo/a da família e não como um/a profissional.

Hypolito ainda nos elucida que

Quanto mais os/as docentes se organizam e buscam um estatuto profissional, mais vão rejeitar as atividades às ações técnico-profissionais. Nesse caso, a concepção profissional dos/as docentes vai se afastando do ideário sacerdotal e, na busca por conquistar e manter uma identidade profissional, o espírito corporativo vai sendo criado (HYPOLITO, 2020, p. 35)

Neste cenário, em termos de trabalho docente, o movimento de expansão do ensino público pautado em princípios liberais e laicos, em consonância com o desenvolvimento do capitalismo e do processo de industrialização culminou por um lado, na busca por profissionalização docente e por outro, no controle por parte do Estado sobre os/as profissionais do ensino, com a consolidação do assalariamento e da funcionalização (HYPOLITO, 1991), ou seja, o/a docente passou a ser um funcionário do Estado, estando com suas ações pautadas pelo mesmo.

Nesse contexto de transformações, a busca pela docência passou a ser menos atrativa. Tal fato pode ser explicado pelas condições cada vez mais precárias nas quais a docência se estabelece em regiões brasileiras.

Estudos como os de Libâneo (2004), por exemplo, revelam a existência de alguns aspectos que ilustram tal assertiva, tais como: baixos salários, salas de aula superlotadas, condições insalubres de trabalho, exposição crescente à violência, precariedade da formação inicial, entre outros fatores, que influenciam diretamente no cotidiano do docente.

Estes aspectos acima arrolados são, segundo alguns estudiosos, causadores de doenças nos/as professores/as, ou o que o estudioso José Manuel Esteve (1999) denominou de mal-estar docente, caracterizado como doença *social produzida pela falta de apoio da sociedade aos professores, tanto no terreno dos objetivos do ensino como no das recompensas materiais e no reconhecimento do status que lhes atribui* (p. 144).

Esse mal-estar que assola diversos/os professores/as pode se manifestar de diversas maneiras, entre elas podemos destacar o absenteísmo, a despersonalização, a síndrome de *burnout* e o abandono da profissão.

Neste sentido, é possível sinalizar acerca da necessidade de compreender esse fenômeno que está em tela. Embora o fenômeno atinja a seus sujeitos de maneira idiossincrática e individual, é um fator coletivo que ultrapassa os muros escolares e dialoga cada vez mais com a lógica neoliberal da eficiência/eficácia.

1.1 PERCURSO METODOLÓGICO

Para a construção de tais reflexões acerca da temática mal-estar docente, realizamos uma pesquisa de cunho bibliográfico. Para tal, nos embasamos na assertiva de que “*nada pode ser intelectualmente um problema se não tiver sido, em primeiro lugar, um problema da vida prática*” (MINAYO, 2001, p. 17 *apud* LIMA; MIOTO, 2017, p. 39).

Observando-se não só a ocorrência, mas como a alta disseminação desse fenômeno no meio docente, a presente proposta de pesquisa de mestrado visa realizar esse procedimento, que, de acordo com Lima e Mito (2017, P.43), se caracteriza por

[...] um procedimento metodológico importante na produção do conhecimento científico capaz de gerar, especialmente em temas poucos explorados, a postulação de hipóteses ou interpretações que servirão de ponto de partida para outras pesquisas.

Partindo do pressuposto postulado por Esteve (1999), de que há alta disseminação de estudos acerca da saúde docente, porém pouco consenso em relação aos resultados, consultamos dissertações e teses defendidas a fim de aprofundar as discussões acerca do tema.

Para tanto, buscou-se realizar a coleta de dados a partir de quatro critérios postulados pela pesquisa bibliográfica, a saber: o parâmetro temático; parâmetro linguístico; principais fontes e parâmetro cronológico (LIMA; MIOTO, 2007, p. 41).

Nesse sentido, para atingir a todos os critérios, pretendeu-se, primeiramente, selecionar os estudos que fazem referência ao tema a ser pesquisado, estudos esses apenas de língua portuguesa, para que possamos inferir como o fenômeno se apresenta em nossa sociedade.

Utilizamos a metodologia bibliográfica atrelada ao Estado do conhecimento. De antemão, é necessário entender a diferença entre Estado da arte e Estado do conhecimento. Vasconcellos *et al.* (2020), apontam que no Brasil as terminologias Estado da arte e Estado do conhecimento vem sendo utilizadas como sinônimos, porém, isso não é consenso entre os/as pesquisadores/as. O Estado da arte de maneira geral é entendido como uma metodologia que resulta em um acervo de diferentes tipos de pesquisas, gerando diversos graus de aprofundamento, demarcando vertentes e facetas de um determinado conhecimento científico, permitindo diálogo entre pesquisadores/as da área.

Já o Estado do conhecimento pode ser entendido como uma metodologia mais restrita, um estudo que aborda apenas um setor de publicações sobre um determinado tema. De acordo com Soares e Maciel (2000), trabalhos de diferentes áreas e ênfases diversas não corroboram para integração de pesquisas e resultados. Para realizar um Estado do conhecimento, é necessário que haja uma revisão crítica da literatura especializada identificando aspectos mais valorizados e referenciais teóricos.

O percurso para a seleção dos estudos a serem analisados se deu mediante quatro etapas, sendo: a) Seleção de dissertações e teses disponíveis na Biblioteca Digital Brasileira de Dissertações e teses (BDTD); b) Estudos que detinham “mal-estar docente” em seu resumo e, a partir dessa leitura inicial do resumo, constatar que era o foco; c) Seleção somente de estudos brasileiros da área da educação da região sudeste; d) Estudos defendidos entre os anos 2009-2019.

Em síntese, utilizamos como fonte de dados os estudos disponíveis na Biblioteca Digital Brasileira de Dissertações e Teses, e foram selecionadas apenas as obras defendidas entre os anos 2009 - 2019, na região sudeste, que continham elementos passíveis de realização de análise referente ao processo da docência que buscamos apresentar. Ou seja, os parâmetros utilizados para a seleção das

teses/dissertações foram baseados em estudos realizados em programas da área da educação e que tinham o mal-estar docente como foco, acrescido de um parâmetro geográfico.

A seleção dos estudos se deu mediante a busca por palavras chaves, a saber: mal-estar docente, abandono da sala de aula e violência escolar¹. A partir destas palavras, selecionamos somente trabalhos da área da educação e escritos em língua portuguesa que pudessem contribuir com nossa proposta de estudo a partir da leitura, primeiramente, do resumo e em alguns casos, foi realizada a leitura das considerações finais a fim de melhor entender o foco do trabalho, quando o resumo não era suficientemente explícito.

Foram selecionados dez estudos, sendo esses: sete dissertações e três teses, de programas acadêmicos de pós-graduação em educação de universidades públicas (oito) e privadas (dois).

Dentro da temática referida, encontramos tais segmentos envolvidos: um (1) estudo voltado para o ensino de tempo integral; um (1) único estudo voltado para a Educação Infantil e o Ensino Fundamental nos anos iniciais, dois (2) voltados para o Ensino Fundamental anos iniciais; um (1) voltado para o Ensino Fundamental anos finais e quatro (4) que não tinham nenhum segmento como foco específico.

Neste íterim, os estudos selecionados apresentam os fatores que podem levar os/as professores a desenvolver o mal-estar docente, os fatores tidos como geracionais, ou seja, quais situações/enfrentamentos postas na docência fazem com que os/as professores/as manifestem sintomas de mal-estar.

Não podemos perder de vista que este trabalho está sendo desenvolvido em um contexto pandêmico, estamos vivenciando a pandemia de SARS-CoV-2, a qual afetou não só toda a população mundial e ditou uma reorganização da sociedade, como alterou completamente a forma de se lecionar, colocando os/as professores/as frente a mais um desafio: ministrar aulas online. Exigir produtividade, resultados positivos, inovação, enquanto estamos todos/as buscando sobreviver é, sem dúvida, fator gerador de grande estresse. Todavia, até o momento não existem muitos estudos abordando os efeitos da pandemia na educação e nos/as docentes, uma vez que esta ainda não se findou.

1

A violência escolar como palavra-chave, pode parecer a priori, descolada da temática central, porém essa escolha se deu mediante o descobrimento desta como um fator gerador de mal-estar docente nas pesquisas realizadas anteriormente, a saber, a iniciação científica e o trabalho de conclusão de curso.

Postas tais considerações, a segunda parte da análise de dados se deu a partir da leitura integral dos estudos selecionados. A análise foi realizada a partir da metodologia do Estado do conhecimento.

Sendo assim, a primeira seleção de estudos nos permitiu chegar até a dissertação intitulada de Mal-estar/bem-estar e profissionalização docente: um estudo de produções acadêmicas brasileiras, em que Machado (2014), - e o consideramos correlato por conter alto grau de semelhança com o que visamos desenvolver - buscou analisar e compreender o processo de trabalho e profissionalização na educação básica e sua relação com o mal-estar/bem-estar docente.

A autora analisou 10 (dez) dissertações disponíveis na BDTD (Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações) e no Portal Capes, buscando em sua centralidade compreender e sistematizar as contribuições acadêmicas brasileiras sobre o mal-estar e o bem-estar docente bem como sua relação com o processo de formação de professores/as do ensino fundamental (MACHADO, 2014). Para isso traçou um panorama histórico, com recorte temporal de 2007-2011, que abarcou o processo de formação de professores/as, as políticas públicas educacionais e as concepções de mal-estar e bem-estar docente utilizadas nas produções.

Fazendo o estudo de Machado (2014) nosso objeto para a realização do Estado do conhecimento, notamos que este vai ao encontro de nossos estudos no que diz respeito ao processo de avanço e retrocesso ao qual a docência é marcada, desde seu surgimento. Os estudos da autora corroboram também a assertiva de que com o passar dos anos e com o emergir do neoliberalismo, as políticas educacionais serviam a esses interesses.

A autora ilustra tal fato utilizando, como por exemplo, as interferências do Branco Nacional na educação, apontando que este influenciou até na concepção de ensino, utilizando do financiamento para ditar até em que condições ocorreria a ampliação do ensino público. A partir deste fio, a autora cita como cada governo brasileiro atendeu/reagiu aos agentes de reformas educacionais (sobretudo agentes internacionais) que visavam garantir rentabilidade ao governo capitalista. Nesse ínterim, os governos que sucederam tais interferências, em síntese, mais deram continuidade do que rompimento a esses.

Machado (2014) esclarece que a entrada dos agentes internacionais culminou em um discurso de maior envolvimento social, todavia, as medidas eram sempre

alinhadas à lógica do capital, meramente vestidas por um apelo social quando na realidade os fatores intra e extraescolares já estavam determinados. Tais políticas vendiam, sobretudo, o interesse pelo fim da desigualdade, quando na prática não visavam emancipação alguma.

Em suma: a educação passou a ser vista como filantropia e não como um direito e, com políticas educacionais de caráter economista e mercantilista, a autonomia escolar passa a ser cada vez mais ilusória e o descaso com a educação e o trabalho docente cada vez mais pulsante. Podemos ilustrar a filantropia em medidas como “Adote uma escola”, “Amigos da escola” que apontam uma substituição de políticas por campanhas apelativas.

Aportando-se teoricamente em Libâneo (2008), a autora apresenta que se as públicas não partem da realidade escolar e das necessidades dos/as professores/as, assim como das condições de aprendizagem dos/as estudantes e sim partem interesses meramente econômicos, não haverá espaço para a formação integral e emancipadora de sujeitos.

A autora anuncia também que é necessário atentar-se ao falso pioneirismo em medidas aparentemente progressistas, mas que não solucionam os problemas da educação brasileira e pouco pensam sobre a formação docente, uma vez que defendem medidas que transformam professores/as em técnicos competentes para alcançar eficiência no ensino. Adentramos aí a ideia da proletarização docente, uma vez que o trabalho no capitalismo está ligado à separação, à rotinização, ao controle sob toda etapa e ao volume de trabalho.

Neste íterim, o aporte teórico ao estudo de Machado (2014) nos permitiu, primeiramente, estabelecer um panorama histórico com relação à formação de professores/as bem como políticas educacionais para estes/as. Além de permitir levantar trabalhos publicados sobre a temática mal-estar docente no recorte temporal de 2007-2011, assim como visualizar as regiões em que estes foram publicados e quais os resultados foram encontrados com relação aos enfrentamentos e superação desse fenômeno.

Os resultados do estudo de Machado (2014) apontam que as dez dissertações analisadas reforçam as produções acadêmicas no que se refere à desarticulação do mal-estar docente aos condicionantes políticos e o bem-estar, por sua vez, está atrelado à ideia de resiliência. Na medida em que, quanto mais se caminha em busca da superação encontramos perspectivas atreladas à motivação, soluções pessoais,

estratégias de *cooping* pouco olhando para fatores econômicos, sociais e/ou políticos, colocando o/a professor/a como seu próprio salvador.

Em virtude dos pontos apresentados até então, tratamos do estudo de Machado (2014) como estudo correlato e uma fonte de dados que nos auxilia e nos permite realizar um recorte regional e analisar apenas os trabalhos desenvolvidos no sudeste. Dessa forma, a partir da leitura integral desses estudos traçaremos nosso panorama acerca de como o processo de mal-estar docente vem sendo abordado nos estudos dessa região, assim como, verificar qual o viés de enfrentamento desse fenômeno nas publicações.

2 ASPECTOS GERAIS DOS CONCEITOS DE MAL-ESTAR E TRABALHO E SEUS DESDOBRAMENTOS

2.1 MAL-ESTAR: UM OLHAR PSICANALÍTICO

Para iniciar a discussão acerca do tema principal desta pesquisa, que se caracteriza pelo mal-estar docente, primeiramente se faz necessário que seja apresentado o entendimento de mal-estar traçado por Freud, na psicanálise, que é quem traz à tona tal assertiva, sendo o pioneiro nos estudos acerca das fragilidades humanas. Todavia, ele não define um conceito do que seja o mal-estar.

Em seu livro denominado “*O mal-estar na civilização*”, 1930, Freud expõe os aspectos da vida na sociedade moderna capazes de castrar o homem, e por consequência os levar a um estado de grande sofrimento, seu livro, de acordo com Santos (2013), pode ser considerado como a matéria prima para a produção do sofrimento.

De acordo com os estudos de Santos (2013), baseados nas ideias de Freud, o mal-estar pode ser entendido como

“(uma) angústia diante da configuração do modelo de civilização, caracterizado pela impossibilidade da coexistência da satisfação pulsional plena do indivíduo humano e a constituição ordeira e pacífica da sociedade moderna, e da angústia que surge em decorrência da operação de uma instância psíquica responsável pela regulação do sujeito frente às normas sociais.” (SANTOS, 2013, p. 23)

Tal assertiva ilustra o que Freud quis dizer quando o homem percebe que não pode agir a seu bel prazer, que, em uma sociedade estão postas regras e espera-se que os sujeitos ajam de acordo com essas expectativas. Esse contrato social gera um grande desconforto, uma vez que os sujeitos não estavam habituados a esse tipo de situação. Sendo assim, os estudos de Freud (1930) caminham para o apontamento da existência de um mal-estar causado pela sociedade civilizada.

Pode-se afirmar que o mal-estar vem a ser um produto da sociedade civilizada, permeada por regras, regulações e castrações. Nesse contexto, o sofrimento do homem, o mal-estar se torna inevitável e inerente à vida em sociedade podendo se manifestar ou não em patologias.

Sendo assim, podemos inferir que os estudos de Freud (1930), analisando os primeiros reflexos no mal-estar na sociedade moderna, se desdobram ao longo do tempo e podem ser encontrados em aspectos da vida na sociedade atual. Podemos

afirmar, então, que por mais que as situações geradoras se transformem ao longo das décadas, o mal-estar segue presente onde existem relações humanas.

Os estudos de Santos (2013) apontam que foi a partir da publicação desse estudo em questão de Freud que começaram a surgir pesquisas advindas de diversas áreas do conhecimento que fazem referência ao mal-estar, percebendo-o em diversos âmbitos da vida em sociedade e com diversas consequências em quem o sente:

“Desde a publicação do texto “O mal-estar na civilização”, o termo mal-estar vem sendo apropriado por discursos de áreas distintas das da saúde ou da psicanálise propriamente dita. Podemos citar, aqui, discussões que fazem referência ao mal-estar no trabalho, na sociedade, na cultura geral, ao mal-estar do Capitalismo” (SANTOS, 2013, p.23).

Tal assertiva foi confirmada por nós em nosso processo metodológico, no que se refere ao mal-estar no campo do trabalho e da educação, tendo em vista a gama de estudos debruçando-se acerca do mal-estar docente, até mesmo neste trabalho.

No que se refere aos estudos desenvolvidos no campo educacional, que se caracterizam como foco deste trabalho, é datado de 1979 o primeiro registro de estudo descritivo realizado com professores/as. Todavia, esses trabalhos não citam diretamente um mal-estar, mas anunciam uma crise na educação que afeta de forma negativa os/as professores/as.

Esses estudos ganham força a partir de 1980, pois foram obtidos resultados considerados alarmantes para uma classe que, até então, não era considerada de risco, pelo contrário, eram sujeitos de uma profissão considerada vocacional, sendo assim, acreditava-se que esses/as profissionais obtinham diversas gratificações em todos os níveis (DELGADO apud Carlotto, 2011, p. 403).

Pode-se perceber, a partir do estudo de Carlotto intitulado de *Síndrome de Burnout em professores; prevalência e fatores associados* (2011) que os estudos pioneiros na classe docente surgiram a partir de um viés da área da saúde, todavia, a partir dos resultados obtidos com professores/as surge a necessidade de entender melhor como se dá à docência na sociedade.

A autora esclarece que a profissão docente é considerada pela Organização Internacional do Trabalho (OIT) como uma das mais estressantes e com forte incidência de elementos que conduzem esses profissionais à síndrome de Burnout (CARLOTTO, 2011, p. 403), que apesar dos estudos relativamente novos (década de 1970) é tão antigo quanto o surgimento da psicologia.

Ainda de acordo com a autora,

Atualmente, o ofício de professor, independente do nível de ensino em que atue tipo de escola, pública ou privada, está se configurando como uma profissão alvo de inúmeros estressores psicossociais presentes no seu contexto de trabalho. A atividade docente, entendida em tempos passados como uma profissão vocacional de grande satisfação pessoal e profissional tem dado lugar ao profissional de ensino excessivamente atrelado a questões tecno burocráticas. (CARLOTTO, 2011, p. 1)

A partir das considerações da autora, entendemos que a síndrome de Burnout, ou síndrome do esgotamento, está presente com grande força na categoria docente. Sendo assim, em seu estudo ela nos aponta a direção em que os primeiros estudos sobre a docência nos levam: síndrome de Burnout, em uma análise mais clínica.

Seguindo essa linha de estudos brasileiros relacionados à saúde dos professores, temos Wanderley Codo, com seu livro *“Educação: carinho e trabalho”* 2006, que consiste em um grande estudo nacional de grande abrangência sobre saúde mental e condições de trabalho docente, abordando seus aspectos, seu local trabalho, a violência, salários e a feminização da docência. Para assim, analisar, sobretudo, a incidência de Burnout em professores/as na rede pública.

O autor aponta seu olhar para os/as professores/as que estão desanimados e queixosos com seu trabalho e sua clientela; professores/as que pararam de se envolver com seu trabalho e, em um desânimo crônico, desistiram ou entraram em Burnout.

O autor, ao caracterizar o/a profissional que sofre da síndrome apresenta uma analogia a Jeca Tatu, uma vez que este era tido como preguiçoso por seus vizinhos da roça, sendo descoberto posteriormente que seu problema era, de fato, vermes que lhe roubavam a energia para o trabalho (CODDO, 2006). Nesse sentido, os/as professores/as, na atualidade, podem parecer preguiçosos frente às novas necessidades escolares, porém estão doentes,

Jeca Tatu tinha o ventre corroído pelos vermes, a vítima de burnout tem o espírito corroído pelo desânimo, a vontade minguando devagar, até atingir os gestos mais banais, até minimizar as vitórias mais acachapantes, a beleza e a força da missão dando lugar ao mesmo irritante cotidiano, por mais diferentes que sejam os dias de trabalho (CODDO, 2006, 254).

Ou seja, essa é a desistência de quem ainda está lá. O autor nos faz a provocação de que existe um/a professor/a que habita nossas lembranças, e se caracteriza como alguém cansado, abatido, sem vontade de ensinar, e serão esses/as professores/as o foco de seu estudo. Aqueles que desistiram, entraram em burnout (CODDO, 2006).

Burnout em tradução livre “queimar para fora”, algo no sentido de “perder o fogo, a energia” *É uma síndrome através da qual o trabalhador perde o sentido da sua relação com o trabalho, de forma que as coisas já não o importam mais e qualquer esforço lhe parece inútil* (CODO, 2006 p. 238).

O autor expõe que a maior incidência de burnout ocorre por tempo de função, e varia de 10 a 15 anos, ou seja, a síndrome avança com o tempo e corrói lentamente o/a trabalhador/a.

Codo (2006) expõe que a síndrome é definida por Maslach e Jackson (1981) como

Uma reação à tensão emocional crônica gerada a partir do contato direto e excessivo com outros seres humanos, particularmente quando esses estão preocupados ou com problemas. Cuidar exige tensão emocional constante, atenção perene; grandes responsabilidades espreitam o profissional a cada gesto do trabalho. O trabalhador se envolve efetivamente com os seus clientes, se desgasta e, num extremo, desiste, não aguenta mais, entra em burnout (CODO, 2006 p. 238).

O autor apresenta que a síndrome possui um conceito multidimensional e é formada por três componentes que podem aparecer associados, mas são independentes, a saber: exaustão emocional, despersonalização e baixa realização profissional.

Esses componentes são caracterizados, respectivamente, por falta ou carência de energia e um sentimento de esgotamento emocional; tratamento distante e impessoal para com organização, clientes e colegas; e tendência de auto avaliação negativa, em que o/a professor/a, sentindo-se insatisfeito com seu desenvolvimento profissional, caminha para o declínio da sensação de competência e da capacidade de interagir com as pessoas.

Codo (2006) apresenta que a literatura internacional indica a não existência de uma definição única para Burnout. É consenso entre estudos desenvolvidos que Burnout seria uma resposta ao estresse laboral crônico, todavia, ele não deve ser confundido com o estresse, uma vez que Burnout envolve o desenvolvimento de atitudes e condutas negativas frente às pessoas no ambiente de trabalho, ou seja, problemas de ordem prática e emocional. Já o estresse se caracteriza por esgotamento pessoal que interfere na vida do sujeito e adentra a esfera no trabalho.

Ademais, a teoria de Burnout determina que ele ocorre quando os recursos pessoais são perdidos e/ou inadequados para atender as demandas, ou os recursos

demandados pelos/as profissionais não são reconhecidos, acarretando um retorno não esperado. Neste cenário, faltam estratégias de enfrentamento.

Além da definição adotada pelo autor, ele nos apresenta, a partir da revisão realizada por Faber (1991), outras definições de Burnout difundidas em diversas correntes teóricas. Primeiramente, temos Freudenberger que a partir de uma abordagem clínica, considera a síndrome de Burnout como a representação de um estado de exaustão resultante de um trabalho tão exaustivo que passa a deixar de lado até as próprias necessidades (CODO, 2006).

O autor apresenta Malash e Jackson, dotados de uma abordagem sociopsicológica em que caracterizam a síndrome como o estresse laboral que leva o/a trabalhador/a ao tratamento de mecânico para com o cliente. Nesse cenário, Burnout surge como reação à tensão emocional e crônica gerada a partir de contato excessivo com outros seres humanos (CODO, 2006). Afeta mais os/as trabalhadores/as da área da educação e da saúde, mais especificamente, *podemos resumir a situação a situação da seguinte maneira: o trabalhador se envolve afetivamente com os seus clientes, desgasta-se, não aguenta mais, desiste, entra em burnout* (CODO, 2006, p. 241).

Na perspectiva organizacional, Cherniss advoga que os sintomas componentes de Burnout são respostas dadas a um trabalho estressante, frustrante ou monótono. E o autor se atenta na diferenciação entre Burnout e alienação, a saber

A alienação diminui a liberdade do sujeito para levar a cabo sua tarefa; no caso de Burnout, a situação se inverte um pouco, o sujeito tem liberdade do sujeito para levar a cabo sua tarefa; no caso de Burnout, a situação se inverte um pouco, o sujeito tem liberdade para agir sobre uma tarefa impossível de realizar (CODO, 2006, p. 241).

Já na perspectiva sócio-histórica, ilustrada por Serason considera que quando as condições sociais não levam uma pessoa a ajudar a outra, nesse sentido, o comprometimento no trabalho é afetado de maneira negativa.

A partir das perspectivas expostas até então, podemos perceber que seja qual for a abordagem da qual se parta, o Burnout está ligado ao alto nível de estresse laboral, sobretudo no que tange ao contato humano. Todavia, existem fatores sociais e estruturais que fazem com que a rotina laboral seja mais frustrante e estressante ainda, fatores esses que iremos abordar com mais ênfase posteriormente. Agora, nos interessa conceitualizar e entender o contexto em que surge o Burnout e, sobretudo, em qual momento este abarcou a docência.

Para adentrarmos a questão do sofrimento na profissão docente, se faz necessário abordarmos primeiramente qual foi o processo de surgimento da docência, o ser professor/a. Autores como Hypólito (1995) e Pessanha (2011) nos ajudam a entender essa questão com maior profundidade.

2.2 MAL-ESTAR DOCENTE: TEORIA GUIA PARA UMA AÇÃO

Todo o processo de formação e análise da docência nos faz chegar até aqui. Buscaremos, a partir de agora, analisar teoricamente em que medida a forma que a docência está posta atualmente afeta os/as professores/as.

Até que ponto a docência pode adoecer, tanto física quanto mentalmente, professores/as? Até que ponto a junção desses fatores pode produzir um desencanto da profissão causando, absenteísmo, pedidos de licenças, práticas não esperadas advindas de profissionais da educação, chegando até a acarretar o abandono da profissão?

A docência sofreu - e vem sofrendo - grandes modificações ao longo dos anos, sobretudo no final do século XX em que as políticas educacionais estavam voltadas para interesses neoliberais.

Todavia, foi a partir de 1868 que surgiram transformações de ordem ideológicas, políticas e culturais. Nesse período, a educação passou a ser indispensável para o desenvolvimento econômico do país e os números de escolas foram aumentando. Nesse período, atrelado à valorização das escolas houve enriquecimento dos currículos, ampliação dos requisitos para o ingresso e abertura para o sexo feminino.

A década de 1990 redefiniu a formação de professores/as e a formação docente, tais redefinições foram cunhadas em grande medida a partir de programas lançados pós-crise de 1970, que culminaram na intensificação e precarização do trabalho do/a professor/a a fim de suprir as demandas e expectativas de reformas ligadas a princípios neoliberais.

A proposta educacional de um país tem relação direta com o entendimento de educação do governo em vigência, assim, a docência tem sido alvo de pressões cada vez mais intensas por parte do Estado, sobretudo no que toca ao atendimento de suas necessidades políticas, ideológicas e pedagógicas, e se vê revestida a um paradoxo em torno de exigências e condições para efetivação destas.

Paradoxo que se estende também ao fato de que, de um lado, pesquisas elencadas pelos estudos de Esteve (1999) indicam que esta tem sido uma profissão buscada pelos/as estudantes que apresentaram desempenhos mais baixos durante a trajetória escolar na educação básica, e de outro, a profissão tem se tornado cada dia mais complexa, exigindo de quem a exerce um domínio de habilidades e competências, que, em geral, extrapolam o trabalho em sala de aula.

As exigências contraditórias sob os/as professores/as atreladas às condições estruturais que as escolas enfrentam, sobretudo as escolas públicas, são geradoras do que o estudioso espanhol José Manuel Esteve denominou de mal-estar docente. Em seu livro, *“O mal-estar docente: a sala e aula e a saúde dos professores”*, 1999, realiza um estado da arte comprovando a existência e avanço do mal-estar docente, no qual anuncia uma crise na profissão crescente, não apenas em seu país de origem de estudo, a Espanha, mas sim em uma realidade internacional.

Primeiramente, para ilustrar tal assertiva, o autor realiza uma analogia do monólogo denominado *A Vida é Sonho*, do dramaturgo e poeta espanhol Pedro Calderón de La Barca, em que ilustra um ator declamando seu poema em um palco, enquanto simultaneamente ocorrem diversas mudanças inadequadas no cenário, sem que o ator perceba tal fato. Como consequência, a plateia ri, faz chacota... E cabe apenas ao ator se adequar às condições postas sem sair de seu papel. E é assim que Esteve (1999) compara a situação de indiferença e descaso, com as que os/as professores/as estão sendo tratados no sistema de ensino espanhol e internacional.

De acordo com o autor, o mal-estar docente trata-se de *“[...] uma doença produzida pela falta de apoio da sociedade aos professores, tanto no terreno dos objetivos do ensino como das recompensas materiais e no reconhecimento do status que lhes atribui”* (ESTEVE, 1999, p. 144). O autor nos apresenta os indicadores de mal-estar docente, e utiliza contribuições de Blase (1982) para classificá-los em fatores primários e secundários.

Embora exponha que existam diversos estudos sobre a referente temática, Esteve pondera que a maioria dos estudos parte de determinados pontos, seja de caráter sociológico e/ou psicológico, para explicar o efeito desse fenômeno e suas consequências. Logo, tais estudos acabaram apresentando explicações isoladas entre si, sem uma teoria que demonstrasse, de maneira geral, o que isso implica nas condições de trabalho e nas relações entre escola e sociedade.

Em relação aos indicadores de mal-estar docente denominados entre primários e secundários, o autor expõe que os fatores primários são os que incidem diretamente na ação do/a professor/a em sala de aula, que geram tensões associadas a emoções e sentimentos negativos.

Por outro lado, os fatores secundários – contextuais – são referentes às condições ambientais, ao contexto em que se exerce a docência. A ação do segundo grupo ocorre de maneira indireta e afeta diretamente a eficácia docente por conta da diminuição de motivação do/a professor/a em sala de aula.

Postula, ainda, a existência de fatores principais: os recursos materiais e as condições de trabalho, a violência nas instituições escolares, o esgotamento e a acumulação de exigências sobre o/a professor/a. Tais aspectos se caracterizam como uma limitação que se impõe sobre a prática do/a professor/a, contribuindo para o desenvolvimento do mal-estar docente a médio ou longo prazo (ESTEVE, 1999, p. 47).

O mal-estar docente pode estar presente em situações como o absentismo trabalhista e/ou o abandono da profissão docente, a repercussão negativa sobre o que a prática docente causa na saúde dos/as professores/as e, por fim, as doenças que os/as professores/as adquirem ao longo do processo da docência.

Ainda de acordo com o autor, absentismo e inibições são as formas mais comuns de colocar fim às tensões vividas no dia-a-dia, pois elas acabam transformando as relações em superficiais e o dogmatismo em atitude de defesa, em seu limite, o/a professor/a desiste da docência.

No tocante a atual conjuntura da docência, que detém diversos fatores tidos como geradores do mal-estar docente, traremos à baila, inicialmente, as considerações de Esteve (1999) concernentes ao desprestígio e falta de apoio que configuram a profissão docente na sociedade, a saber:

É injusto que nossa sociedade nos considere os únicos responsáveis pelos fracassos de um sistema educacional massificado, apressadamente maquiado para fazer frente à avalanche da crise social, econômica e intelectual de nossa sociedade. Sobretudo quando ninguém se atreve a redefinir funções porque pode se tornar impopular (ESTEVE, 1999, p. 19).

Essa falta de apoio decorre de um desprestígio social que a profissão vem sofrendo ao longo dos anos, até aqui percebemos que, mesmo o autor analisando a realidade espanhola, encontramos aspectos semelhantes à realidade brasileira.

No que se refere à perda de autonomia, Hypólito (1995) argumenta que o Estado desempenha papel contraditório na organização da profissão, pois, ao mesmo tempo em que ele é/foi responsável pela sua profissionalização deixou sobre ela fortes mecanismos de controle e regulação. Sobre isso, Esteve (1999) reflete acerca dos aspectos da proletarização da profissão, um ponto seria o choque sofrido pelo/a professor/a quando se depara com a realidade concreta em que se dera o seu ofício.

As demandas da profissão tornaram-se quase impossíveis de serem atendidas no tempo em que são sancionadas. Sobre isto, Esteve (1999, p. 13 E 22). nos revela que:

[...] Nosso sistema educacional, rapidamente massificado nas últimas décadas, ainda não dispõe de uma capacidade de reação para atender as novas demandas sociais. Quando consegue atender a uma exigência reivindicada imperativamente pela sociedade, o faz com tanta lentidão que, então, as demandas sociais já são outras. Portanto, os professores se encontram ante o desconcerto e as dificuldades de demandas mutantes e a contínua crítica social por não chegar a atender essas novas exigências.

E ainda,

Nossos sistemas de ensino, empilhados e burocratizados, remendados e apressadamente reformados pelos sucessivos responsáveis que pretendiam fazer frente às mudanças sociais mais urgentes, têm multiplicado as exigências contraditórias, desconcertando ainda mais os professores; sem, no entanto, conseguir - como reconhecem publicamente esses mesmos responsáveis - estruturas de ensino adequadas às novas demandas sociais.

As transformações apontadas acima sugerem um profundo e exigente desafio pessoal aos professores/as, nos deparamos com outro fator da realidade espanhola que vai ao encontro da realidade brasileira. Além dessa situação, os/as professores/as brasileiros estão lidando com um novo desafio em tela: lecionar frente a uma pandemia global que afetou diretamente a educação e a forma de dar aula.

O fator da proletarização docente seria referente à crescente incorporação de novos conteúdos em que o/a professor/a não se vê mais como o “rei/rainha absoluto/a” da sala. Outro fator seria a forte relação entre a prática pedagógica e a maneira a partir da qual a escola está organizada e ainda, a mudança radical acerca do que se tem entendido sobre qualificação profissional.

Entre os fatores mais importantes a se considerar para a manifestação do fenômeno, o autor destaca o tempo de carreira, a instituição em que atua e o sexo, todavia, não se pode perder de vista que a frequência e repercussão da tensão estão submetidas a fatores variados.

Aportando-se ainda em Blase (1982), é possível apontar que o baixo salário é um outro fator que não implica, necessariamente, a redução da eficácia docente, porém, se associado a outros fatores (psicológicos e sociais), pode produzir a crise de identidade e depreciação do ego, que dentre os diversos desdobramentos negativos, também encontramos o mal-estar docente.

Esteve (1999) também pontua sobre a falta de material didático, assim como a falta de recursos para adquiri-los. É necessário ressaltar que a falta de recursos não se limita somente à falta de material didático, mas também a problemas ambientais e estruturais. O autor argumenta que essa constância negativa de superação de entraves causa nos/as professores/as a sensação de desesperança e frustração.

Outro fator apontado como gerador desse fenômeno é a violência nas instituições escolares. Esteve apresenta que, para grande parte dos/as professores/as apenas a possibilidade de sofrer violência leva os/as professores/as a um sentimento de inquietude, sensação que afeta diretamente o cotidiano docente (Libâneo, 2004).

Por fim, o último fator elencado se refere ao esgotamento docente, a uma acumulação de exigências sobre o/a professor/a (ESTEVE, 1999), acerca disso, ele expõe na bibliografia anglo-saxã o surgimento do termo *burnout* ligado ao conceito de estresse no quadro docente.

O termo, de acordo com Blase, descreve um “ciclo degenerativo da eficácia docente” (1982, p. 99 apud ESTEVE, 1999, p. 57), em que esse “esgotamento” é entendido por Esteve (1999) como uma consequência/desdobramento do mal-estar docente. É possível perceber que o quadro da docência evolui negativamente nesse sentido. Abordaremos com maior ênfase a síndrome de Burnout nos próximos tópicos.

2.3 TRABALHO E TRABALHO DOCENTE

Após abordarmos os aspectos gerais do mal-estar à luz da teoria psicanalítica, acreditamos ser importante elucidar também os aspectos gerais do surgimento do trabalho e trabalho docente. Buscamos assim, permitir a construção de um panorama, sobretudo histórico, que nos elucide quais os processos que fizeram a docência se apresentar como nos dias atuais.

No livro *"Ascensão e queda do professor"*, 2011, a autora Eurize Caldas Pessanha traça, em quatro capítulos, um panorama acerca do surgimento da profissão docente, sobre a concepção do trabalho docente e a classe social originária desses/as professores/as, já nos apresentando que esta tem origem ambígua. Sobretudo, a autora busca verificar quem, historicamente, vem compondo a categoria docente no Brasil.

A autora inicia a discussão buscando caracterizar o tipo de trabalho que o/a professor/a realiza, este sendo o ponto de partida para compreender a história dos homens, uma vez que *cada homem constrói a sua própria história enquanto produz sua própria existência a partir do trabalho* (PESSANHA, 2001, p. 15). Todavia, esse movimento é constantemente determinado pelo momento histórico a que estamos submetidos.

Pessanha assume a definição de trabalho de Marx (1965, p. 204) para dar o pontapé inicial de sua análise, sendo assim,

“Antes de tudo, o trabalho é um processo de que participam o homem e a natureza; processo em que o ser humano, com sua própria ação, impulsiona, regula e controla seu intercâmbio material com a natureza. Defronta-se com a natureza como uma de suas forças. [...] Atuando assim sobre a natureza externa e modificando-a, ao mesmo tempo modifica a sua própria natureza”.

Esse trabalho se refere ao da forma humana, caracterizado pela antecipação do resultado, sendo assim, isso é o que distingue o homem dos outros animais. *Nesse sentido, o objetivo do trabalho humano, é o de satisfazer as necessidades do homem* (PESSANHA, 2001, p.17) e as necessidades, por sua vez, se modificam historicamente, ressignificando as formas de trabalho.

Na sociedade capitalista, a força de trabalho passa a ser uma mercadoria como outra qualquer, o seu ponto diferencial é que esta produz valor; sendo assim, é materializado nos produtos sob a forma de salário e da mais-valia que dela retira o capitalista. Sendo a mais-valia a disparidade entre o salário pago e o valor produzido pelo trabalhador/a, uma vez que esta surge a partir da utilização do tempo de trabalho que ultrapassa o tempo necessário para a produção de meios que garantirão a sobrevivência do/a trabalhador/a (PESSANHA, 2001, p. 20).

O modo de produção capitalista produz novas relações sociais, uma vez que sobrepõe a relação entre trabalho e capital fazendo com que parecessem somente relações entre coisas, sendo essa relação, prioritariamente, desenvolvida entre pessoas.

Tendo em vista que a profissão docente foi fruto da primeira divisão social do trabalho, no qual a força de trabalho passa a ser mercadoria e produz valor, em que, de um lado, ficaram os/as trabalhadores/as braçais e, de outro, os/as trabalhadores/as intelectuais. Frente a esse processo histórico, a concepção de trabalho docente ganha múltiplas análises na literatura educacional brasileira, dando base para realizar uma análise do magistério como profissão.

A autora elucida que, dentre as vertentes analisadas, há uma unanimidade: todos reconhecem que a profissão docente detém uma especificidade que a torna diferente de todos os trabalhos, e esse fator define a importância atribuída a ele (PESSANHA, 2001).

A unanimidade em questão é a caracterização deste trabalho como intelectual, mesmo que alguns estudos irão assumi-lo como prioritariamente intelectual - teórico/prático -, como nos estudos de Libâneo (1990) e outros, como intelectual/manual, como no caso dos estudos de Ribeiro (1984). As opiniões entre os/as autores/as começam a divergir no que tange à produtividade do trabalho docente.

A partir disso, Pessanha traça um fio em que nos apresenta as diversas percepções. A saber, Libâneo (1990) considera a atividade docente como um trabalho produtivo não-material, ou seja, incorpora aspectos de um trabalho produtivo, todavia, um processo de trabalho pedagógico inteiramente contrário a um trabalho em fábricas; Mortari (1990) considera como trabalho produtivo que se manifesta em “outros setores”; Silva Júnior (1990) como um trabalho improdutivo, uma vez que este não visa à acumulação de capital.

Pessanha nos apresenta, então, a terceira vertente, ilustrada por Hypólito (1991), que por mais que entenda o trabalho do/a professor/a produtivo nas escolas particulares, considera a discussão acerca da produtividade ou não, improdutivo.

De acordo com o autor, os debates acerca da natureza do trabalho docente têm girado em torno de:

[...] Perspectivas que interpretam o trabalho docente ou como um trabalho tipicamente capitalista ou como um trabalho tipicamente não capitalista; de visões que consideram falso esse tipo de polarização e que tentam desenvolver análises que a ultrapassam; de visões que interpretam o trabalho docente como síntese de relações sociais, identificando os professores e professoras como sujeitos ativos que interpõem práticas de resistências entre si e as formas de dominação que pretendem lhes conformar como seres passivos. (HYPÓLITO, 1991, p. 92)

O autor argumenta que as análises sobre o trabalho docente mais frequentes olhavam para a profissão de forma idealista e romântica, projetando uma profissionalização inexistente frente às formas materiais que configuravam e definiam essa atividade como laboral em termos de organização do trabalho escolar (HYPÓLITO, 1991).

Apresenta que foi a partir da década de 1930 em que começaram a surgir movimentações acerca de uma nova compreensão de escola. Neste contexto, o escolanovismo cumpriu papel importante, pois defendia uma perspectiva mais científica para o trabalho escolar. Somente após a década de 1970 surgiram novas análises acerca da organização e administração escolar à luz de uma teoria crítica, que visava analisar o processo de burocratização do sistema escolar.

É nesse bojo de discussões sobre os processos de organização escolar que urge a necessidade de analisar mais especificamente o trabalho docente, que neste contexto há muito não se encaixa mais naquele “mestre de ofício” nos termos de Arroyo (1985) ou “professor-artesão” nos termos de Sá (1986) (HYPÓLITO, 1991).

Dentre as formas de interpretação do trabalho docente apresentadas pelo autor, as que mais tem destaque e assumem posição de influência são as abordagens dos seguintes pressupostos: 1) perspectiva da proletarização do trabalho docente; 2) perspectiva que questiona a tese da proletarização; 3) perspectiva que propõe uma análise de interpretação do trabalho docente além do modelo fabril; e 4) perspectiva que entende o profissional como intelectual.

Daremos maior ênfase na análise acerca da proletarização docente neste trabalho. Tal perspectiva é denominada *tese da proletarização do trabalho docente, parte do ponto de vista de que o professor/a é um/a trabalhador/a assalariado/a, que passa por um processo de desqualificação, no qual se identificam perda do controle sobre o processo de trabalho e perda de prestígio social* (HYPÓLITO, 1991, p. 101).

Neste íterim, o/a trabalhador/a passa por um processo formativo em uma instituição que o apresenta disciplinas e metodologias para, a partir disso, estar apto/a a ingressar em uma instituição de trabalho, que, por sua vez, já está organizada de tal forma que irá definir o trabalho escolar e conformar esse/a trabalhador/a com o trabalho que irá realizar.

Tal perspectiva entende o trabalho docente como um trabalho tipicamente capitalista, uma vez que:

[o/a professor/a] Torna-se um assalariado/a e ao vender sua força de trabalho por salário ver-se submetido/a a um processo de trabalho, cujas formas de realização já estavam previamente estabelecidas, ele/a acaba percebendo que não possui controle sobre seu próprio trabalho, assim como qualquer trabalhador/a coletivo. Há uma tecnologia educacional interposta como meio de trabalho, entendida em sentido amplo como capitalista, objetivada nos materiais instrucionais, equipamentos, técnicas de ensino, livros didáticos, etc. que determina a prática docente desenvolvida (HYPÓLITO, 1991, p. 102).

Todavia, mesmo o/a professor, via de regra, apresentando fortes características daquilo que pode ser definido como classe trabalhadora, ainda mantém boa parte do controle sobre seu trabalho, ou seja, ainda goza de uma certa autonomia e, em muitos casos, não é substituído pela máquina (HYPÓLITO, 1991).

Pessanha caracteriza o trabalho do/a professor/a como *não-manual, assalariado, não produtivo [...] funcionário do Estado ou de um serviço que, embora mantido em empresas privadas é considerado serviço público* (PESSANHA, 2011, p. 28).

Tomando como ponto de partida todas as perspectivas apresentadas para a definição de trabalho e, trabalho docente, nos cabe agora buscar explicar em qual situação de classe os/as professores/as estão localizados/as, locus que existe uma gama de estudos e perspectivas. A autora afirma que, apesar de uma aparente unanimidade em categorizar o professor/a na classe média, existem outros/as autores/as relutando acerca dessa posição, principalmente por conta da conceituação que dão ao trabalho docente.

Para ilustrar tais estudos, a autora nos apresenta, primeiramente, os estudos de Apple (1987) em que o autor defende que os/as professores/as se encontram em localização de classe contraditória. Sendo assim, não acha correto defini-los/as como pertencentes da classe média, uma vez que os/as entende como pertencentes às duas classes, pois estes compartilham interesses tanto da classe trabalhadora quanto da burguesia.

Enguita (1991), mesmo assumindo que o/a profissional docente está inerte ao fenômeno da proletarização docente, defende que a categoria está em um lugar intermediário e contraditório na organização do trabalho, e, sendo assim, a entende como uma “semiprofissão”.

Hypólito (1991), por sua vez, responde com um “sim e não” se os/as professores/as pertencem à classe trabalhadora; sim porque estão submetidos a um processo de proletarização e não porque somente o salário não o caracteriza como

membro da classe trabalhadora; dessa forma, para o autor, seria simplista os caracterizar como classe média.

Para Pessanha (2011), a heterogeneidade é um fato complicador para diversas profissões “filiadas às classes médias”, todavia, considera a profissão docente teoricamente como uma categoria das classes médias, uma vez que entende seu trabalho como não-manual da atividade humana - resgatando a profissão docente ter sido fruto da primeira divisão social do trabalho.

A autora, também, argumenta que historicamente os/as professores/as se encaixam nas classes médias e se movimentaram dentro desta ao longo dos anos. Via de regra, os/as professores/as são historicamente mulheres pobres, órfãs (abrigadas em instituições de caridade), filhos/as de proletários/as liberais, são frações mais baixas das classes sociais com origens nitidamente plebéias.

A autora argumenta que, de acordo com os estudos de Demartini (1984) e Paixão (1991), as análises históricas mostram que pela classe social, profissão e renda dos pais e maridos, os/as professores/as pertencem às classes médias.

Ademais, a autora ainda advoga que as grandes discordâncias dos/as autores/as advêm de uma questão teórica: a concepção de classe social e sobretudo a definição dada à classe média.

2.4 FEMINIZAÇÃO DOCENTE: IMPLICAÇÕES DO FEMININO NO ÂMBITO ESCOLAR

Nesta seção buscaremos apresentar quais as implicações do corpo feminino estar presente no ambiente escolar. Após traçarmos o panorama do surgimento do trabalho e da docência, não é possível abordá-la sem nos atentarmos ao fato de que ela é uma profissão feminina - não em sua origem, se tornou feminina a medida em que foi se afastando da égide da Igreja Católica - e, por isso, desvalorizada.

Resgatando o fato abordado anteriormente, de que a profissão não atraía filho/as das classes mais abastadas, Pessanha nos apresenta, a partir das contribuições de Demartini (1984), que em 1898, no estado de São Paulo, a profissão já vinha sendo desvalorizada, visto que os/as professores explanavam a desvalorização sentida em perdas de direitos já adquiridos.

Essa perda de direito acarretava na perda da estabilidade que a profissão detinha, dado que ser funcionário do Estado estava atrelado à estabilidade, Pessanha expõe que em seu primeiro número, a *Revista do Ensino*,

Denunciava a perda de direitos já adquiridos: um dispositivo legal de 1898 eliminava a estabilidade no emprego; posteriormente através da lei nº 88, de 08/09/1982, o governo aplica um desconto compulsório de 15% ao salário, "já irrisório", dos professores (PESSANHA, 2011, p. 75)

Os estudos de Demartini (1984) ilustram que a situação salarial dos/as professores/as não melhorou com a chegada da República. Pessanha assume que os/as professores/as não reivindicavam melhorias nas condições de trabalho, pois apesar de baixo, o salário - das mulheres - não tinham função de sustentar a família, mas sim, a função de manutenção do status.

Ou seja, o salário da mulher de classe média, embora secundário na manutenção do lar, garantia à família bens característicos da classe, como, por exemplo, o acesso aos meios educacionais, quando não, auxiliavam na renda da família caso o provedor perdesse a boa posição que possuía em seu emprego; o emprego que garantia o sustento do lar (PESSANHA, 2011).

A partir disso se faz possível adentrarmos nas questões de gênero que se revelam latentes no que tange a profissão docente. Carvalho (1994) apresenta que Apple (1987) anunciava que, ao abordar a profissão docente, se fazia necessário abordar o gênero dos protagonistas. Desse modo, a partir das afirmações de Carvalho, é possível constatar que Apple chama a atenção para a lacuna existente e propõe que haja uma articulação entre classe e gênero para que seja possível construir estudos mais profundos e compreensíveis do trabalho docente.

A autora defende que as análises de gênero devem ser incorporadas em todas as categorias explicativas, uma vez que *admitir que faz diferença no estudo do trabalho docente haver uma unanimidade de mulheres, significa admitir que em qualquer processo de trabalho, o gênero faz diferença* (CARVALHO, 1996, p. 79).

A autora argumenta que as relações de gênero interferem cabalmente nas definições de qualificação e desqualificação, tendo em vista que:

[...] Quando homens e mulheres realizam a mesma tarefa, quase sempre as mulheres são consideradas menos qualificadas, situação que só pode ser explicada pela representação social do feminino e pelas relações sociais de gênero como um todo, e não pelas características da tarefa: "O que parece ocorrer é que, uma vez feminilizada, a tarefa passa a ser classificada como 'menos complexas', [...] o sexo daqueles/as que realizam a tarefa, mais do que o conteúdo da tarefa, concorre para identificar tarefas qualificadas e não qualificadas" (Souza-Lobo, 1991, p. 150-151 APUD Carvalho, 1996, p. 80).

Em anuência com Pessanha, o magistério primário é concentrado por mulheres desde a primeira República, a autora nos apresenta dados que ilustram tal

assertiva: em São Paulo em 1917, de 633 professores/as, 554 eram mulheres. Os estudos de Carvalho (1996) apontam que ser professora se tornou um dos guetos femininos, ao lado de outras profissões como domésticas, balconistas, enfermeiras; grosso modo, empregos tidos como femininos.

Tendo como base pesquisas etnográficas, a autora traz à baila a constatação de que era possível encontrar na fala das educadoras que, pela forma com que estas enxergavam a docência, a organização do tempo e espaço e as relações que eram estabelecidas com as crianças, havia muito do referencial à vida do lar, ao trabalho doméstico e a maternagem (CARVALHO, 1996, p. 78), ou seja, a docência era entendida como uma extensão de ser mãe, atrelada ao cuidado.

Sobre isso, temos as contribuições de Gouvêa, que nos expõe que *a inclinação para o magistério parece ocorrer na classe trabalhadora e nos escalões inferiores da classe média, e quanto mais se desce na escala social, o número de mulheres que aspiram ao magistério aumenta* (Gouvêa apud PESSANHA, 2011, p. 89).

A participação quase majoritária feminina na docência, também já havia sido tensionada por Esteve (1999) que a entende como uma condição histórica, advinda de seu surgimento sempre atrelado à maternidade, uma vez que mulheres sempre foram relacionadas ao cuidar. Nesse sentido, as profissões que demandam algum tipo de cuidado foram as primeiras disponíveis para a mulher no mercado de trabalho.

Novaes traz à baila argumentos concernentes à organização do trabalho na sociedade capitalista e a condição feminina. Nas palavras da autora:

[...] O 'ser mulher' traz em si o resultado das múltiplas determinações sociais, e o ser mulher trabalhadora e, no caso específico, professora primária, constitui-se pela mediação da organização escolar e da família, ambas tomadas, duplamente, como local de formação e trabalho. Não se pode pretender entender o fracionamento do trabalho docente somente pela condição feminina de mulher que a ele se dedica; contudo, não se pode, também, ignorar que a maciça concentração de mulheres ocupadas no magistério, associada à taylorização crescente da organização escolar, com a conseqüente desvalorização do trabalho da professora, pode explicar muitas das características do magistério primário (Novaes, 1984, p 135-136 *apud* Hypólito, 1991, p. 89).

Em suma, o processo de feminização da docência está posto na maioria dos países ocidentais, o panorama nos mostra que a medida que o sistema de ensino se expande, com a ascensão do capitalismo, a docência passa a ser exercida majoritariamente por mulheres (HYPÓLITO, 1991).

É fundamental analisar a categoria docente a partir de uma visão de classe e gênero, uma vez que é uma categoria que passou por um forte processo de feminização, seja pela falsa relação entre o ensino e as habilidades tidas como femininas, ou o ideário de dom, buscando apresentar as contradições que a faz tão desinteressante aos homens e ideal às mulheres.

2.5 SÍNDROME DE BURNOUT: UM DESDOBRAMENTO DO MAL-ESTAR DOCENTE

A discussão iniciada anteriormente nos trouxe até aqui e agora faremos um resgate acerca da explanação sobre a Síndrome de Burnout. A entendemos como uma derivação do mal-estar docente. Os estudos de Codo (2006) e Esteve (1999) contém diversos aspectos convergentes, mas também existem aspectos divergentes. Ademais, não se pode perder de vista que a síndrome de burnout não se fecha ao hall do corpo docente.

De antemão, apresentamos que as divergências encontradas entre os autores advêm de conceituação teórica e análise estrutural do momento social em tela. Todavia, os primeiros estudos sobre o adoecimento do professorado utilizam a síndrome de burnout como o estopim do esgotamento docente.

Aportando-se teoricamente em uma pesquisa baseada na tabela de Malash, Codo (2006) expõe que a síndrome de Burnout é um problema internacional e não é só frequente em professores/as, está disseminada entre a classe docente.

Em amostra nacional de quase 39 mil trabalhadores/as em educação foram identificados 31,9% com baixo envolvimento emocional, 25,1% com exaustão emocional e 10,7% com despersonalização. Para efeito prático: metade da população estudada (48,4%).

As questões levantadas pelo autor vão ao encontro dos resultados obtidos por Esteve (1999) no que tange os enfrentamentos do dia-a-dia escolar, os paradoxos vividos na profissão e em que eles podem culminar. É consenso entre eles que os/as professores/as enfrentam diversos problemas no âmbito escolar, e que sofrem por conta das condições de trabalho: salas de aula superlotadas, carga horária em demasia, constante violência (agressões, depredações, roubos).

Além de serem muito exigidos, se cobram muito e encontram dificuldades para se fazer/sentir útil em um ambiente que, diversas vezes, não os/as respeita, que não

dá as devidas condições e depois lhes deposita a culpa de fracassos, como se fosse o/a único agente de todo esse processo.

Outra consonância encontrada entre os estudos dos autores é a questão de gênero, para eles, as mulheres sofrem mais. Esteve (1999) utiliza Apple (1995) para pontuar que o movimento de mulheres na docência fez com que deixasse de ser interessante aos homens, uma vez que aqueles que optassem por permanecer seriam considerados incapazes de exercer outro ofício e, por vezes, sua sexualidade seria questionada por terceiros. Codo (2006) traz à baila que a junção dos trabalhos docente e doméstico - no caso feminino - fez com que surgissem embates no âmbito família x trabalho.

Podemos assumir que, tanto o fenômeno mal-estar docente quanto a síndrome de Burnout, ocorrem de maneira idiossincrática. Por mais que os fatores associados culminem na síndrome de maneira mais geral, eles nunca se dão de maneira linear e uniforme e não é necessário que o/a trabalhador/a sinta todos os fatores com a mesma intensidade e frequência.

Esteve (1999) havia anunciado a existência de poucos estudos que abordavam a temática “doença dos/as professores/as”, porém não obtiveram êxito ao traçar personalidades que seriam mais suscetíveis para o desenvolvimento de doenças. Atualmente, duas décadas depois, é possível encontrar uma gama de trabalhos traçando panoramas em diversos segmentos da educação.

É perceptível o fato de que existem aspectos da síndrome de Burnout que podem ser encontrados em sintomas do fenômeno mal-estar docente, sendo eles: sensação de desânimo, de incapacidade, ausência de recursos para enfrentar novas exigências de trabalho (infraestrutura), gestão escolar, remuneração, reconhecimento, entre outros.

A partir desse contexto em tela, os/as professores/as começam a sinalizar que se sentem desgastados/as com relação a sua profissão e todos os desdobramentos dela. Codo (2006) defende que o/a professor/a pode vir a armar uma retirada – algumas vezes inconsciente – para escapar de todo esse estresse, e assim, começar a envolver-se cada vez menos com seu trabalho, apropriando-se de uma postura mais enrijecida.

Esteve (1999) apresenta que existe uma porcentagem muito grande de licenças entre os/as professores/as, em estudo realizado em Málaga, no período letivo de 1982-83 até 1988-89. O autor constatou, em um espaço de sete anos, um

aumento de três vezes o número de professores/as de licença. Os principais motivos de licenças são: traumatologia, geniturinário/obstétricos e neuropsiquiátricos.

Estudos como o de Codo (2006) e o de Carlotto (2011), por exemplo, na perspectiva psicológica anunciando a síndrome de burnout, afirmam que a síndrome pode ser entendida como um desdobramento do mal-estar docente, mesmo não sendo algo específico dele, pois trabalhadores/as em ambientes conflitivos também estão sujeitos a ela.

A síndrome do Burnout pode ser entendida como uma desistência dos que ainda estão lá (CODO, 2006) e que afeta os/as professores/as negativamente (ESTEVE, 1999). Ambas as pesquisas, em que pesem as diferenças de contextos e a forma de compreensão dos dados (uma é de caráter psicológico e outra sociológica), tratam de acontecimentos extremos em uma profissão e se atentam para a questão de que são acontecimentos devastadores para o ensino.

Estamos lidando com trabalhadores/as que, em função de crises, desistem, não percebem e nem acreditam em possibilidades de melhora nas atuais condições. Nesse cenário, ainda é necessário compreender melhor os motivos que levam professores/as ao adoecimento laboral e quais são as estratégias, sejam individuais ou coletivas, para o enfrentamento e a superação dessas circunstâncias.

Esteve (1999) elenca alguns fatores que podem ser utilizados como ferramenta de superação, dando grande enfoque à formação de professores/as. Defendendo que não é qualquer pessoa que pode ser professor/a, e que já não é mais possível permitir que pessoas entrem ao acaso na docência ou entrem por conta de uma ideia idealizada e estereotipada.

Argumenta que para ser professor/a é necessário ir além do intelecto, é preciso ter um conhecimento maduro das responsabilidades que serão encontradas.

Sendo assim, defendemos a síndrome de Burnout como consequência do mal-estar docente, sendo esse, um olhar voltado especificamente para a classe docente e também, a última parada para os/as professores/as adoecidos.

2.6 DOCÊNCIA: ADOECIMENTO E ENFRENTAMENTO

À luz da repercussão negativa da prática sobre a saúde dos/as professores/as na realidade espanhola, Esteve (1999) aponta que um grupo considerável de professores/as afirma sentir sua saúde física e/ou mental afetada diante das tensões e contradições acumuladas dentro da escola.

As doenças manifestadas pelo corpo docente, para além dos sentimentos de desconcerto e insatisfação, são ansiedade ao extremo (níveis prejudiciais), estresse, neuroses reativas e depressão. O autor também apresenta o fato de que nos estudos analisados por ele, existiram diversos que citavam “problemas psicológicos” sem a devida precisão (ESTEVE, 1999, p. 72).

Para o autor, o expressivo número de licenças expedidas a professores/as é um grande sintoma da manifestação do mal-estar. As maiores causas de afastamento docente são por diagnósticos de traumatologia, geniturinários e obstétricos ou neuropsiquiátricos (ESTEVE, 1999), de modo que é possível perceber que existem diversos afastamentos ao longo dos períodos letivos, principalmente no final do semestre, período esse em que se acumulam maiores demandas, ou seja, períodos causadores de mais estresse.

A questão de gênero aparece novamente latente quando as análises do autor nos levam a perceber que as mulheres aparecem como as mais afetadas pelas licenças médicas. Para ele, tal fato se dá por conta da enorme pressão posta sobre as mulheres em prol da excelência pelo “dom”.

Outro fator tido como estressor e gerador de adoecimento se dá acerca da imagem do/a professor/a, Esteve (1999) nos apresenta de que a realidade complexa e exigida da profissão docente, nada diz respeito a imagem dada ao professor/a no cinema e na TV. Esses meios de comunicação fazem um desserviço à educação, divulgando a docência como uma atividade idílica e centrada na relação interpessoal com os/as alunos/as.

Não precisamos ir muito longe para encontrarmos diversos filmes, como *Escritores da Liberdade* e *Sociedade dos Poetas Mortos*, que ilustram o/a professor/a como ser que irá acolher e atender individualmente os/as estudantes, tanto em demandas educacionais quanto demandas pessoais. Ainda que esses mesmos meios divulguem a escola na sessão de justiça, o autor aponta para as linhas contrapostas existentes.

Sobre este enfoque idílico, Esteve (1999, P. 41) ainda completa

[...] o/a professor/a, mais do que como educador, aparece como amigo e conselheiro. É a imagem atraente da profissão docente com que os professores [...] tende a identificar-se, mas que, como aparece no mesmo trabalho, está muito distante da realidade dos centros educativos.

Para o autor, a presença desses estereótipos é negativa. Ele argumenta que a formação inicial dos/as professores/as tende a estimular o estereótipo ideal, que

representa o pólo positivo da imagem do/a professor/a. Ou seja, a presença de uma formação com enfoque normativo aponta o que o/a professor/a deve ser e/ou fazer, ao invés de preparar realmente o/a professor/a iniciante para a prática do ensino. Na idealização, a prática é concebida como uma atividade de relação individual, quando na prática é grupal e conflitiva (ESTEVE, 1999).

Isto, irá culminar no que ele denominou de “choque-inicial”, que ocorre quando o/a professor/a iniciante ao se deparar com a realidade desafiante das instituições de ensino, fica desarmado e desnorteado.

Uma vez que o/a professor/a iniciante vai encontrar carências, contradições e uma instituição em pleno funcionamento definido – para o bem ou para o mal –, *em que o/a professor/a, individualmente, só pode fazer algo para modificá-lo, adaptando-se aos ideais com os quais formou-se* (ESTEVE, 1999, p. 42).

Ainda com o olhar voltado ao “choque-inicial”, Esteve explana que ele pode se tornar mais cruel quando os/as colegas de profissão os/as presenteiam com os piores grupos, piores horários e as piores condições de trabalho, em vez de acolhê-los. E essa é a lógica da socialização profissional do magistério: as turmas mais “complicadas” são destinadas aos docentes menos experientes.

Até então podemos perceber o quanto o percurso da docência é repleto de avanços e retrocessos e desde o início é marcada pela precarização da formação, dos salários e das condições de trabalho.

O fenômeno do mal-estar docente está em tela no quadro da docência, causando diversos danos, não só para os/as professores/as, mas para os/as estudantes e o sistema de ensino como um todo. Em razão de todas as contradições e descontentamento, os/as professores/as vão deixando, pouco a pouco, de perceberem os/as estudantes como serem de potencial.

Em vez disso, passam a ser vistos como meros números em uma sala de aula, que em 50 minutos devem/esperam receber algo que os/as professores/as já não conseguem mais oferecer. Tal fato caracteriza um enorme desprazer entre ambos.

3 MAL-ESTAR DOCENTE NOS ESTUDOS SELECIONADOS: APROXIMAÇÕES E DIFERENÇAS

A partir da leitura, primeiramente dos resumos dos estudos selecionados e depois de realizarmos a leitura integral dos estudos, criamos tabelas que foram organizadas a partir dos tópicos de maior interesse, a saber: instituição de pesquisa, ano da publicação, titulação, o segmento educacional a qual o estudo se debruçou, o referencial teórico, os principais resultados e as principais doenças.

Acreditamos que tais tópicos irão nos possibilitar traçar um panorama acerca do entendimento do mal-estar docente e quais são consequências e enfrentamentos que os/as docentes estão vivenciando em diversas instituições de ensino e segmentos.

Tabela 1 – Dissertação – UNESP – Universidade

Instituição	UNESP – Universidade Estadual Paulista
Ano	2019
Titulação	Mestrado
Segmento	Tempo Integral/ensino público
Referencial teórico para mal-estar	José Manuel Esteve para mal-estar docente.
Principais resultados	Os resultados revelam a existência de um descontentamento e insatisfação em relação a alguns aspectos, como a carga horária, demanda laboral, salário, dificuldades relacionadas ao ensino, indisciplina e falta de interesse dos alunos, diminuição dos recursos financeiros, entre outros aspectos que podem levar ao mal-estar docente. Os/as docentes entrevistados relatam ter a docência como um compromisso

político-social, relatam gostar de ensinar e de aprender (ligado a vocação).

Defende, corroborando com os estudos de Esteve que um modo de enfrentamento eficaz é a melhoria nas condições de trabalho e criação de políticas públicas; não podendo incumbir aos docentes a solução.

Principais doenças Sobretudo afastamentos advindos de estresse.

Fonte: Autora

Tabela 2 – Dissertação – UFOP – Universidade Federal de Ouro Preto

Instituição	UFOP – Universidade Federal de Ouro Preto
Titulação	Mestrado
Ano	2013
Segmento	Ensino infantil até o 5º ano do ensino fundamental.
Referencial teórico para mal-estar	Mal-estar psicanalítico para Freud, ao apresentar perspectivas fora da psicanálise cita José Manuel Esteve
Principais resultados	A condição de trabalho é tido como gerador de mal-estar entre as professoras, todavia, foi encontrado na fala das mulheres entrevistadas o lugar materno ao qual elas se colocam dentro e fora da escola: lugar que causa cansaço, esgotamento e sensação de não saber o que fazer.

Defende que o mal-estar está relacionado a desautorização do/a docente em sala de aula, e que é necessário construir espaços de saúde (escuta) na escola e formação de professores/as visando a realidade conflitante.

Principais doenças No que se refere a doenças apenas a depressão é citada, todavia, encontramos relatos de professoras em relação a irritabilidade, choro fácil, ansiedade e insônia.

Fonte: Autora

Tabela 3 – Tese – UFSCar – Universidade de São Carlos

Instituição	UFSCar – Universidade Federal de São Carlos
Titulação	Doutorado
Ano	2016
Segmento	Ensino médio
Referencial teórico para mal-estar	Freud para mal-estar psicanalista, José Manuel Esteve para mal-estar docente
Principais resultados	<p>A frustração por não encontrar o/a aluno/a ideal, com insucesso de criar laços afetivos e manter autoridade são tidos geradores de mal-estar docente, uma vez que gera adoecimento.</p> <p>A pesquisa aponta que o caminho para lidar com o mal-estar pode ser encontrado em ações como: endurecimento de leis, orientação e assistência às famílias, desenvolvimento de projetos sérios, execução de ações e melhorias e</p>

modernização nas escolas, sobretudo no pagamento e salários, que de acordo com o autor está ligado a retomada da autoridade em sala de aula, uma vez que, professor/a assume função paterna.

Principais doenças	Doenças foram atreladas a síndrome de Burnout como estresse, problemas de voz e depressão. Os/as professores/as entrevistados/as estão sob alto nível de estresse, fazem uso de medicamento, e já sofreram violência física por parte dos/as estudantes.
---------------------------	--

Fonte: autora

Tabela 4 – Dissertação – USP – Universidade de São Paulo

Instituição	USP - Universidade de São Paulo
Titulação	Mestrado
Ano	2015
Segmento	Ensino Fundamental I
Referencial teórico para mal-estar	Mal-estar docente a partir da psicanálise/psicologia de Freud
Principais resultados	<p>Para a autora, a educação é um ofício impossível, a partir daí causa descontentamento e noção de impotência, também pela falta de material e de estrutura.</p> <p>A partir das falas das professoras foram encontrados elementos que caracterizavam implicações negativas para o</p>

processo de escolarização e para o exercício da docência. O mal-estar é visto como fruto da exacerbação da função materna no campo educativo, sobretudo com o impacto da pós-modernidade na educação.

**Principais
doenças** -

Fonte: autora

Tabela 5 – Tese – UNESP – Universidade Estadual Paulista

Instituição	UNESP – Universidade Estadual Paulista
Titulação	Doutorado
Ano	2014
Segmento	-
Referencial teórico para mal- estar	Para mal-estar docente utiliza Esteve entre outros autores.
Principais resultados	<p>O autor não entende o mal-estar como fenômeno pois implica na descaracterização como elemento inerente à condição humana. Mal-estar é tido como inerente à condição humana (percepção psicanalista).</p> <p>Os fatores geradores de mal-estar podem ser dados pela organização atual da docência e da sociedade. Melhora estaria relacionada a melhores condições de trabalho. Para o</p>

autor, falta de escuta na escola é dificultador e a solução deste estaria em processos semiformativos: ressignificar mal-estar a partir da autoreflexão, uma vez que este é traço da subjetividade e não há soluções instrumentais para problemas que não são instrumentais.

Principais doenças Doenças mentais e ocupacionais, estresse, nervosismo, depressão

Fonte: autora

Tabela 6 – Dissertação – UFSCar – Universidade Federal de São Carlos

Instituição	UFSCar – Universidade Federal de São Carlos
Titulação	Mestrado
Ano	2015
Segmento	Ensino fundamental II
Referencial teórico para mal-estar	Mal-estar docente para José Manuel Esteve
Principais resultados	<p>Para a autora, mal-estar docente é um fenômeno histórico cultural perpassa relações estabelecidas na escola. Se apresenta de diversas maneiras, sobretudo na relação com o/a aluno/a e na intensificação de tarefas.</p> <p>Docentes entrevistados afirmaram vivenciar situações que provocavam mal-estar: violência física e/ou simbólica, más condições de trabalho, desrespeito, intensificação das tarefas etc. Para a autora o que poderia contribuir para a superação</p>

seria formação continuada focalizando nas reais necessidades, políticas públicas educacionais criadas por especialistas em educação. Dentro da escola: escuta e colaboração.

Principais doenças Psicológicas: estresse, irritabilidade e depressão.

Fonte: autora

Tabela 7 – Dissertação – UFV – Universidade Federal de Viçosa

Instituição	UFV - Universidade Federal de Viçosa
Titulação	Mestrado
Ano	2015
Segmento	-
Referencial teórico para mal-estar	-
Principais resultados	<p>Estudo da história da educação, elucidou que docência é historicamente marcada pela precarização do trabalho e a licença médica era tida como tática para fugir das tensões do cotidiano escolar e apresenta uma contradição histórica: modelo educacional não representava os/as docentes e as políticas de governo definiam padrão ideal do bom professor/a.</p> <p>A autora defende a necessidade de investimento de qualidade na formação inicial e continuada, além de políticas públicas</p>

que garantam boas condições de trabalho para que os/as docentes não precisem se afastar da profissão.

Principais doenças Problemas de saúde como reumatismo, estomago/intestino, infecções variadas.

Fonte: autora

Tabela 8 – Dissertação – Universidade Metodista de São Paulo

Instituição Universidade Metodista de São Paulo

Titulação Mestrado

Ano 2014

Segmento -

Referencial teórico para mal-estar Mal-estar docente para José Manuel Esteve

Principais resultados O estudo tinha como foco os/as docentes readaptados por questões psicológicas, esses/as docentes se conformam com as novas atividades que realizam e relatam melhora na qualidade de vida. O mal-estar docente está atrelado às condições de trabalho e mudanças sociais. A readaptação docente é vista como tentativa de melhora psíquica.

As condições de trabalho docente frente às sucessivas restaurações do trabalho no sistema capitalista são muitas, a autora atribui o adoecimento a esse sistema corrosivo e falido,

que transformou a escola em um aparelho ideológico do Estado.

Principais doenças Depressão, esgotamento, estresse, neuroses reativas e ansiedade.

Fonte: autora

Tabela 9 – Tese – UFMG – Universidade Federal de Minas Gerais

Instituição	UFMG – Universidade Federal de Minas Gerais
Titulação	Doutorado
Ano	2016
Segmento	-
Referencial teórico para mal-estar	Mal-estar para Freud, ao iniciar a discussão sobre mal-estar docente utiliza José Manuel Esteve
Principais resultados	<p>Para o autor, o mal-estar na sociedade gera a manifestação da pulsão de morte, que se manifesta pela angústia. Numa visão psicanalítica do mal-estar defende que a vida em sociedade, castra e frustra o sujeito causando um profundo padecimento. Que causa desgastes, sobretudo por conta das transformações acerca da docência e do que se espera do/a professor/a.</p> <p>O estudo entrevistou docentes do campo e da cidade visando perceber os níveis de mal-estar nos locais distintos em que a</p>

docência era exercida. Percebeu-se que os/as docentes do campo percebem tais amarguras sobretudo por conta política e produzem saídas ideológicas, enquanto os/as docentes urbanos percebem o mal-estar sobretudo no comportamento dos alunos. Para o autor, o mal-estar se estabelece na impossibilidade e não na impotência, e a escuta clínica dentro das escolas seria uma possível solução para o mal-estar docente.

Principais doenças Depressão, neurastenia, ansiedade e descontrole emocional.

Fonte: autora

Tabela 10 – Dissertação – UNOESTE – Universidade do Oeste Paulista

Instituição	UNOESTE - Universidade do Oeste Paulista
Titulação	Mestrado
Ano	2012
Segmento	Ensino Fundamental I
Referencial teórico para mal-estar	Mal-estar docente para José Manuel Esteve
Principais resultados	Para a autora, o principal indicador de mal-estar docente é a proletarização que a profissão sofreu ao longo dos anos. As relações de poder autoritários e conservadores na escola geram tensões e ansiedades nos/as docentes.

Professores/as entrevistados apontam como geradores de mal-estar baixa remuneração, falta de apoio pedagógico, descaso dos governantes e falta de investimento. Tais aspectos, para eles/as, fazem da profissão um desafio. A ideia de vocação presente nos/as docentes faz com que eles continuem, porém, chamar escola de lar é uma faca de dois gumes.

Para a autora é necessário que a identidade profissional da profissão seja reconstruída e assim, valorizada. Temos assistido a uma luta contra a proletarização ideológica do professorado que separa os que executam daqueles que planejam e aí mora uma grande contradição.

Principais Depressão e ansiedade
doenças

Fonte: autora

3.1 CATEGORIAS

Nesta seção iremos analisar os aspectos que foram destacados nas tabelas acima a luz da teoria de Esteve, buscando tensionar o que eles têm em comum em relação a aspectos como as principais doenças desenvolvidas pelos/as docentes, o conceito utilizado para entender o que é mal-estar docente, quais são os fatores entendidos como geradores deste, e se existentes, quais as estratégias contra ele.

Em suma, abordaremos os aspectos convergentes e divergentes, buscando assim traçar um panorama acerca do entendimento de mal-estar docente e suas implicações no âmbito escolar nas instituições brasileiras em questão.

3.1.2 Aspectos convergentes

A partir da leitura integral dos estudos selecionados, foi possível constatar primeiramente que, a julgar pelos sujeitos que participaram dos estudos selecionados, a grande maioria dos/as professores/as está em sofrimento. Neste quesito, independente de qual abordagem teórica foi adotada pelas pesquisas,

percebe-se que professores/as de diversos segmentos e distintos locais (rural e urbano) enfrentam situações similares.

Nosso trabalho corrobora os estudos de Esteve (1999, P. 23), quando concordamos e confirmamos por meio das análises que encontramos trabalhos como apontados por ele:

Deparamo-nos com trabalhos de investigação que - de uma perspectiva psicológica - falam-nos do estresse dos professores ou do aumento da ansiedade entre eles. Nesses trabalhos, os problemas psicológicos detectados acabam relacionando, de forma mais ou menos direta, com as condições sociotrabalhistas em que se exerce a docência.

Outras pesquisas adotam enfoque sociológico. Interessam-se pelas mudanças que surgiram, nos últimos anos, nas expectativas sociais que se projetam sobre os professores e nas variações introduzidas em seu ambiente profissional.

Dentre os dez estudos analisados, quatro deles continham convergências no que tange o referencial teórico para compreensão do fenômeno do mal-estar docente. Ou seja, quando os estudos abordavam o mal-estar em sua essência, o utilizavam de acordo com as considerações psicanalíticas de Freud. Os quatro estudos que utilizavam o conceito de mal-estar a partir de Freud, e estes não apenas o citavam para apresentar o surgimento do mal-estar na sociedade, mas ancoravam suas análises nesses pressupostos, o utilizaram de forma aderente em todo o estudo e abordaram o mal-estar docente com base nele. Desse modo, é possível apontar que um primeiro olhar para esse fenômeno reconhece a forma como ele afeta e transforma subjetividades individuais; essa transformação, por vezes, acaba sendo geradora de desencantos individuais, mas nem por isso isolados, que acarretam o abandono da profissão.

Nestes estudos, todos citavam, além de Freud, a obra de Esteve para apresentar a existência de outro entendimento acerca do mal-estar docente, mas o utilizavam de forma tópica. Em outras palavras, constata-se que a obra do autor não se configurou como um referencial analítico que ensejasse outros olhares para esse fenômeno; ao contrário disso, o que se nota é que os estudos analisados tentam fazer cotejamento e aproximações possíveis entre o contexto espanhol dos anos 1980 e 1990 investigado pelo autor e o contexto brasileiro do início de século XXI.

Dentre os estudos selecionados, houve um, que reservou um capítulo utilizando, sobretudo, Esteve para indicar os entraves da educação, buscando definir a partir daí qual a função da escola e seus valores na sociedade. Esse estudo nos chamou a atenção, uma vez que em outros, os aspectos sociológicos e estruturais

não eram tão enfatizados. O foco estava sobretudo no sofrimento do docente, como sujeito.

Esse fato confirma a assertiva defendida por nós, levantada por Esteve (1999), de que o tema corre o risco de ter um tratamento parcial, contemplando uma ou outra perspectiva. Entendemos que diversos elementos podem influenciar na realidade, porém as pesquisas acabam se multiplicando sem aperfeiçoar seus resultados para além de sugestões e hipóteses. Nesse sentido, acreditamos ser possível dizer que o fenômeno do mal-estar docente não é exclusivamente psicológico e, tampouco, exclusivamente, sociológico. Ele requer uma compreensão interdisciplinar para que se possa tentar abarcá-lo a partir de um olhar mais abrangente e, quiçá, esse olhar auxilie na formulação de políticas públicas.

Os estudos norteados pelas considerações psicanalíticas tinham os indicadores do mal-estar distintos dos defendidos por nós até certo ponto, uma vez que defendemos a abordagem de Esteve elencando fatores principais e secundários sociais e estruturais. Os indicadores do mal-estar docente na vertente psicológica estavam atrelados, em grande medida, à representação parental a qual o/a professor/a detém e o impacto disso na sua autoridade. Defender aqui a análise a partir de Esteve, conforme dito acima, não se trata de excluir o viés psicanalítico, mas, sim, de buscar uma análise que compreenda mais o fenômeno a partir das dinâmicas internas aos espaços escolares, ou seja, sabe-se que professores/as adoecem por conta de fatores externos e internos aos espaços escolares e, talvez, uma compreensão esmiuçada dos fenômenos intraescolares possa ser um caminho importante para se pensar políticas de inserção e permanência do docente nas escolas de educação básica.

No que se refere a isso, entendemos que as transformações indicam mudanças no papel dos agentes tradicionais de socialização e nas novas exigências projetadas sob os/as professores/as e dentre essas exigências, que o/a professor/a seja um/a companheiro/a e amigo/a dos estudantes ou, pelo menos, que se ofereça a eles como um apoio, uma ajuda para seu desenvolvimento pessoal, mas ao mesmo tempo, exige-se que ele faça uma seleção ao final do curso (ESTEVE, 1999, p.31). As inúmeras, contraditórias e complexas demandas dos espaços escolares tornam a prática docente algo cada vez mais complexo e desafiador tanto do ponto de vista individual quanto coletivo.

Sendo assim, não vemos o mal-estar nascendo de uma “relação parental frustrada”, mas sim de sucessivas transformações nas quais os/as professores/as devem infundir alguns valores básicos nos estudantes, que antes seriam dever de outro grupo socializador: a família (ESTEVE, 1999). No que tange a isso, é possível perceber que os docentes participantes dos estudos selecionados parecem reclamar pelo reconhecimento da especificidade da função social da escola; estaríamos, assim, diante de um olhar da sociologia funcionalista para a escola do século XXI? Talvez, a pesquisa em educação ainda deve se debruçar e aprofundar essa correlação para que possamos entender as motivações presentes nesse aspecto.

A partir da psicanálise, é possível perceber que as transformações sociais também afetam o/a professor/a, uma vez que lá o mal-estar docente está relacionado à desautorização de sua função, quando função se desconecta do desejo de ensinar e se aloja na “transmissão do conhecimento”, daí surge o desconforto. Defendemos que não é apenas a ideia de “transmitir” conhecimentos ao invés de ensinar que adoece, mas sim consequência da modificação do papel do/a professor/a permeado por cobranças e contradições. Novamente, reiteramos a perspectiva de que o mal-estar docente é fenômeno interdisciplinar e que sua análise e compreensão a partir de um olhar psicanalítico não exclui o viés sociológico e vice e versa.

No tocante às medidas de enfrentamento do mal-estar docente, encontramos alguns aspectos convergentes, sendo um deles a formação docente. Ambas as perspectivas entendem que a formação docente voltada para a realidade educacional pode ser vetor de transformação positiva, todavia, os estudos psicológicos analisados não se adensam muito em tais considerações, apenas a sinalizam.

A perspectiva sociológica, fundamentada sobretudo em Esteve (1999), aponta não somente para a formação inicial de professores/as, mas também para a formação continuada, políticas públicas educacionais pensadas por educadores/as para educadores/as. Retomando as considerações de Machado (2014) as quais endossamos, a interferência de agentes internacionais na educação, a adaptação desta cada vez mais à lógica do capital, com discursos educacionais visando indicadores e rankings de eficiência, causaram e ainda causam impactos negativos no chão da escola e na vida dos/as professores/as.

Outra medida de enfrentamento que localizamos nos estudos psicológicos é a da ideia de “espaços de saúde” e de “escuta” dentro da escola, voltados para uma abordagem mais clínica da situação. Nos estudos psicológicos, estes estão muito

alinhados, para não dizer de forma unânime, uma vez que, nessa vertente, a educação é entendida como “profissão impossível”, por isso tão frustrante e adoecedora.

Ou seja, uma vez que entendem o sofrimento como inerente ao ser humano, e de forma tão enraizada não existindo forma de superação, os estudos indicam que seja necessário que o docente entenda tal fato e propõem que isso ocorra por meio de grupos de escuta clínica dentro da escola. Os estudos sugerem que por mais que o sofrimento faça parte da vida, a escola não deve reproduzi-lo de forma que beire o insuportável. A proposta engloba a ideia de que espaços de saúde e projetos ligados à valorização docente podem restabelecer a imagem positiva e a autoridade dos/as professores/as, uma vez que estes percebem que devem apenas ministrar melhor as doses de sofrimento.

Esses estudos têm maior foco no sofrimento atual do sujeito, dessa forma, apresentam maiores contribuições e soluções para os/as docentes lidarem com o mal-estar no dia a dia. Novamente, não acreditamos que a superação do sofrimento docente se dê por essas vias, porém corroboramos com a ideia da escuta, mas num sentido de que os docentes exerçam uma rede de comunicação que não deve se resumir apenas a conteúdos acadêmicos, mas incluir problemas metodológicos, organizacionais e pessoais, nesse caso o isolamento é prejudicial, ora, a docência é profissão grupal.

Acreditamos que o/a docente deve entender criticamente quais fatores os levaram até ali, e perceber que soluções paliativas não resolvem o problema real, nas palavras de Esteve (1999, p. 118)

[...] os professores em exercício devem assimilar as profundas transformações produzidas na educação, na sala de aula e no contexto social que a rodeia, adaptando, conseqüentemente, seu estilo docente e o papel que vão desempenhar.

Além disso, ainda de acordo com o autor, acreditamos em uma abordagem preventiva, que parta das lacunas e deficiências constatadas ao longo do período de formação inicial docente e incorpore novos modelos de formação, que na medida do possível, evitem conseqüências negativas, como as constatadas por Esteve e por nós durante a análise dos estudos, pode ser um caminho para tentar aumentar e melhorar as pontes entre a formação inicial e o exercício da profissão em si. Nesse sentido, essa ponte pode ensejar melhores condições para o enfrentamento do tão propalado choque de realidade (VEENMAN, 1984).

A formação inicial docente é fator muito explorado nos estudos de Esteve (1999), que elenca três linhas de formação fundamentais anterior à atuação profissional na docência, sendo estas,

Em primeiro lugar, o estabelecimento de mecanismos seletivos adequados ao acesso à profissão docente, baseados em critérios de personalidade e não simplesmente, como até o momento, em critérios de qualificação intelectual. Em segundo lugar, a substituição dos enfoques normativos-idílicos, geradores de ansiedade, por enfoques de formação inicial claramente descritivos. Por último, a busca de uma maior adequação dos conteúdos dessa formação inicial a realidade prática do magistério, permitindo ao futuro professor tanto a compreensão e o domínio técnico dos principais elementos que modificam a dinâmica de seus grupos de alunos, quanto a dos elementos sociais cuja ação contextual acaba influenciando a relação educativa (ESTEVE, 1999, p. 118).

Em relação ao referencial teórico para compreensão do mal-estar docente, há seis estudos que realizaram uma discussão sociológica, aportados nas considerações de Esteve para expor e entender os meandros da profissão, as quais endossamos ao longo de toda a fundamentação teórica deste trabalho. Um deles, na perspectiva da história da educação, analisou os pedidos de licença no período de 1906 a 1930, corroborando o nosso entendimento da docência sendo historicamente marcada pela precarização do trabalho docente.

Os estudos norteados pelo referencial teórico de cunho sociológico de Esteve (1999) tinham os principais resultados e possibilidades de superação muito alinhados, uma vez que atribuíam o mal-estar docente às contínuas transformações do que é educação escolar, do que se espera desta e dos/as docentes ao longo do tempo, sobretudo com a ascensão da sociedade capitalista, com olhar muito atento às políticas públicas, ao entendimento de educação e a formação inicial.

Tais estudos trazem à baila aspectos históricos e sociais da profissão docente, explicando as contradições existentes e percebidas ao longo do tempo, e todo o impacto das sucessivas mudanças no campo educacional, desde o início quando a profissão passou a ser profissionalizada até os dias mais atuais. Dessa forma, esses estudos acreditam na superação do mal-estar a partir de políticas públicas efetivas, políticas nas quais pesem medidas que valorizem a docência e o sistema de ensino como um todo.

Em suma, encontramos duas formas de entendimento do mal-estar docente que não são excludentes e que, amalgamadas nas análises, podem colaborar para a construção de uma visão mais holística do fenômeno e, conseqüentemente, apresentar fortes subsídios para a construção de políticas públicas educacionais:

uma forma mais psicológica, portanto, mais individual e outra mais coletiva, portanto, mais sociológica.

No que se refere a pensar as doenças que mais afetam os/as professores/as submetidos ao mal-estar, todos os estudos selecionados trazem pelo menos algumas doenças e/ou aspectos, quais sejam: estresse, ansiedade, depressão, altos índices de sobrecarga laboral e as condições de trabalho também são temas que aparecem com frequência. Atrelamos tais condições às sucessivas restaurações da profissão docente dentro do sistema capitalista. Ou seja, as inúmeras pressões sociais afetam de maneira cada vez mais crescente e complexa a prática profissional docente; nos dias atuais, a docência tem se revelado como uma das mais desafiadoras profissões.

3.1.3 Aspectos divergentes

Como foi abordado no tópico acima os aspectos convergentes, nesse momento trazemos à tona os aspectos divergentes que podem ser elencados nos estudos selecionados. Eles são, sobretudo, em relação aos métodos de enfrentamento do mal-estar sentido e vivido pelos/as docentes. Isso ocorre sobretudo por conta das perspectivas de análise adotadas pelos estudos.

Os estudos voltados para a perspectiva sociológica entendem o mal-estar e seus desdobramentos de forma histórica, sistêmica e grupal, por mais que os sintomas sejam percebidos e sentidos de forma idiossincrática. Tais estudos percebem que a superação do mal-estar, de fato, se dará da esfera macro para micro, uma vez que, tendo políticas públicas efetivas e uma real transformação da profissão docente, os aspectos negativos sentidos pelos/as docentes serão minimizados.

Já nos estudos voltados para a perspectiva psicológica, eles apresentam com frequência, medidas de superação individuais e na escuta clínica do sujeito. São soluções que não direcionam o olhar para o coletivo e para a situação de forma sistêmica. É necessário estar cuidadoso acerca da percepção alienada da realidade quando soluções se baseiam unicamente em “soluções mágicas”, a abordagem preventiva é fundamental, porém é apenas uma parte, a realidade em volta está imersa a uma grande contradição.

Ora, um ambiente satisfatório com pessoas motivadas pode, sim, ser gerador de bem-estar, um corpo docente e diretivo alinhado e comunicativo faz toda a diferença na prática docente, porém se faz necessário políticas públicas eficazes

para garantir que o ambiente de trabalho e a profissão sejam valorizados, não se pode deixar a cargo dos sujeitos tais melhorias, uma vez que estas não estão ao seu alcance.

A partir desse panorama, ao estudar o fenômeno do mal-estar docente, percebemos que os dados dos estudos selecionados mostram uma convergência significativa de fatores e poucas divergências nos dados. Assim sendo, somos levados a reconhecer dois elementos, a julgar pelos estudos selecionados: a) na região sudeste, a despeito de os estados terem realidades bastante singulares, o mal-estar docente parece ser vivenciado no interior das unidades escolares a partir de características bastante semelhantes; b) mesmo reconhecendo a distância temporal e geográfica entre o estudo de Esteve e o nosso, parece ser possível apontar mais semelhanças que divergências entre os dados. Ou seja, a docência tem se revelado um ofício com configurações históricas e sociais que tem tornado seu exercício profissional mentalmente desafiador.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

É necessário apontar que tratamos aqui, exclusivamente do mal-estar docente, todavia, percebemos em nossa sociedade a existência de diversos males em diversos trabalhadores/as de diferentes áreas e nesse crédito, damos a responsabilidade ao neoliberalismo avassalador por essas angústias.

Primeiramente, apontamos aqui a contradição existente na sociedade com relação à docência neste século. Severino, em seu estudo denominado de *A busca do sentido da formação humana: tarefa da Filosofia da Educação* (2006), elucida que a prioridade da educação deveria ser formar o sujeito como ser cultural, pensada como um investimento formativo humano e não a limitar a um processo institucional e estrutural. Para o autor, a proposta de educação deveria ser emancipar seus/as estudantes, ou seja, ir além da adaptação e da instrumentalização, e mesmo acreditando poder soar utópico fazer a defesa de uma educação emancipadora em tempos de descrédito da educação, a defende com veemência.

Entendemos que a escola e a educação não são, e podem nem vir a ser um oásis. Entre os autores citados ao longo deste trabalho, percebemos que esse é um processo longo e complexo dadas as políticas com tendências neoliberais adentrando cada vez mais a fundo no mundo educacional e sufocando possíveis medidas de transformação. Porém, ainda é possível resistir para que essa, com a devida valorização e políticas públicas realmente relevantes, seja possível que não adoeça seus atores e supere o modelo atual que a reduz em máquinas de diplomas e resultados falaciosos.

Feitas tais considerações, nesta seção iremos explicitar e analisar teoricamente quais foram os resultados encontrados após imersão no referencial teórico e leitura integral dos dez estudos da área da educação da região sudeste, buscando traçar um panorama de como o mal-estar docente vem sendo abordado nos estudos dessa região, assim como, verificar qual o viés de enfrentamento desse fenômeno nas publicações.

No que se refere a isso, já apontamos na seção anterior os aspectos convergentes e divergentes entre os resultados dos trabalhos analisados.

Um primeiro aspecto que nos salta aos olhos é relativo à maneira de compreender o fenômeno do mal-estar docente. Notamos duas tendências: ou os estudos optam por construir uma discussão mais geral sobre o fenômeno do mal-

estar ou já fazem a partir da ideia de mal-estar docente. No primeiro caso, verificamos uma forte adesão aos pressupostos psicanalíticos de Freud, com uma forte aderência a este referencial, sendo fiel do início ao fim, até nas medidas de enfrentamento, todavia, citando Esteve, de maneira tópica, para apresentar a existência de uma outra abordagem de entendimento desse fenômeno. No segundo caso, notamos que são as discussões de Esteve que prevalecem e, portanto, há uma compreensão mais sociológica desse fenômeno nos trabalhos analisados.

Sobretudo, o cerne do mal-estar docente para a perspectiva psicanalítica está relacionado, de forma geral, com a frustração com o real, tanto do docente quanto do estudante. Nesse caso, o/a docente assume função paterna/materna e pode ser hostilizado ou hostilizar alunos/as, tais situações, atreladas a questões materiais e expectativas, também demandam dos docentes a gestão de conflitos, que nessa situação, busca formas para fugir da pulsão de morte (angústia, tristeza).

Dentre as formas utilizadas pelos/as docentes podemos citar alguns, sendo esses: apego à religiosidade, pensamentos positivos, outros/as buscam maneiras mais rígidas e impessoais para lidar com o ambiente escolar e uma separação entre a vida pessoal e profissional. Dá-se a entender que quando o/a docente adocece acaba ficando abandonado à própria sorte, é ele/a quem deve descobrir seu processo de cura.

Nos estudos de viés psicanalítico, foi possível perceber que o fenômeno do mal-estar docente não está sendo problematizado ou pensado por meio de políticas públicas; consta, nesses trabalhos, que a tentativa existente para o findar são estratégias mais individualizadas, uma vez que, essa perspectiva defende que o mal-estar é inerente e sempre existirá.

Ou seja, cada docente sentirá o fenômeno à sua maneira, porém, os autores apresentam a minimização deste mal com mediações e situações “chaves”. Nesses estudos analisados, as possibilidades seriam: escuta clínica, criação de espaços de saúde dentro da escola, processos semiformativos que englobam a autoreflexão e o entendimento de que o mal-estar docente se dá na impossibilidade e não na impotência.

Reiteramos que isso não significa que esta abordagem não aponta seu olhar para as mudanças da sociedade, pelo contrário, esse aspecto é citado nos trabalhos, porém, o olhar maior está voltado para as soluções existentes a longo prazo, arriscamos denominar como crer no processo de resiliência.

Em contrapartida, quando a abordagem do mal-estar docente é específica nos estudos, não é essa vertente que prevalece, e sim a vertente sociológica, a partir das considerações de Esteve. Verificamos que tais estudos entendem que o mal-estar docente só se findará com políticas públicas realmente eficazes e formação de professores/as adequada.

Nesse sentido, os trabalhos que apresentam Esteve na análise específica entendem o processo educacional e seus entraves de uma forma mais estrutural, em que o/a docente está dentro de um sistema em constante modificação, e de mãos atadas frente às condições lastimáveis de trabalho, sendo cobrados cada vez mais e, muitas vezes, massacrados por falas irresponsáveis e danosas por parte de representantes de novas “ideologias de aprendizagem”. E a superação do mal-estar docente estaria atrelada à ressignificação da docência juntamente com medidas educacionais consistentes, dessa forma os/as docentes sentiriam os efeitos positivos desta dentro das escolas.

É importante frisar que esse entendimento não significa que a vertente sociológica pouco olha para o/a docente que está, atualmente, sofrendo dentro da sala de aula, mas é uma vertente que acredita que a solução não se dará a partir de medidas paliativas, é necessário movimentar o sistema como um todo.

Ambas as vertentes nos apresentam uma realidade dolorosa: temos professores/as sofrendo, adoecendo e desistindo da docência. Novamente, não somos ingênuos em acreditarmos que haverá superação ideal do sofrimento dentro da docência, sabemos que os problemas estruturais e materiais somam uma parte do problema, sabemos que a docência é uma profissão conflituosa, todavia, ela não deve ser adoecedora em níveis insuportáveis.

Os trabalhos analisados sinalizam que existem maneiras de minimizar tais situações, acreditamos na mescla de possibilidades: políticas públicas atreladas a espaços de debate/saúde dentro da escola, da promoção da autoestima do corpo docente, porém, sem colocá-lo com o único ser capaz de se curar.

Num trabalho dessa natureza, ainda que o escopo analisado não seja quantitativamente tão alto, é possível apontar algumas lacunas a serem preenchidas por estudos posteriores. Em outras palavras, notamos que o fenômeno do mal-estar docente não foi investigado à luz das ideias de interseccionalidade, ou seja, ainda não temos dados para saber se a temática das relações de gênero seria uma variável significativa nesse cenário. Não sabemos se os gêneros adoecem igualmente ou se

haveria um gênero mais suscetível. Ainda nessa perspectiva interseccional, não sabemos sobre a influência da temática étnico-racial nesse recorte: será que professoras negras, normalmente lotadas em escolas mais periféricas, adoecem mais?

Também são exíguos os estudos sobre adoecimento de docentes que atuam na Educação Superior e na Educação de Jovens e Adultos. Além desse importante aspecto, permanece silenciado o adoecimento de professores em início de carreira; aqui, cabe destacar a importância de se compreender que mal-estar docente e adoecimento podem ser causadores de absenteísmo e abandono da carreira. Fica a provocação para estudos posteriores: os inúmeros abandonos que ocorrem no momento inicial da carreira são decorrentes do mal-estar ou de outros aspectos?

Nesta dissertação, encerramos advogando a necessidade de um olhar amplo para um fenômeno cada vez mais complexo. O mal-estar docente não precisa ser analisado de forma excludente: ou se faz pelo viés psicanalítico ou se faz pelo viés mais sociológico trazido por Esteve. Se queremos pensar e atuar na formulação de políticas públicas que ensejam uma permanência mais qualitativa dos/as docentes nas escolas de educação básica, esse olhar mais ampliado pode nos fornecer importantes pistas para a compreensão das práticas pedagógicas.

REFERENCIAS

CARLOTTO, Mary Sandra. Síndrome de Burnout em professores: prevalência e fatores associados. **Psicologia: teoria e Pesquisa**, Rio Grande do Sul, v. 27, n. 4, p. 403-410, 2011.

CARVALHO, Marília P. **Trabalho docente e relações de gênero: algumas aproximações**. Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, 1996.

CODO, Wanderley. **Educação: carinho e trabalho**. Confederação Nacional dos Trabalhadores em Educação: Universidade de Brasília. Laboratório de Psicologia do Trabalho, 2006.

DE VASCONCELLOS, Vera Maria Ramos; DA SILVA, Anne Patrícia Pimentel Nascimento; DE SOUZA, Roberta Teixeira. **O Estado da Arte ou o Estado do Conhecimento**. Educação, v. Rio de Janeiro, 43, n. 3, p. e37452-e37452, 2020.

ESTEVE, J. M. **O mal-estar docente: a sala-de-aula e a saúde dos professores**. Bauru: EDUSC, 1999.

FREUD, Sigmund. **O mal-estar na civilização (1930)**. Cienbook, São Paulo, 2020.

HYPOLITO, Álvaro L. M. **Trabalho docente, classe social e relações de gênero**. SP: Papyrus, 1997. 2 ed. [E-book]. / Álvaro Moreira Hypolito. – São Leopoldo: Oikos, 2020, (Coleção Magistério: Formação e Trabalho Pedagógico).

LIBÂNEO, José Carlos. **Adeus professor, adeus professora? Novas exigências educacionais e profissão docente**. 8. ed. São Paulo: Cortez, 2004.

LIMA, Telma Cristiane Sasso de; MIOTO, Regina Célia Tamaso. **Procedimentos metodológicos na construção do conhecimento científico: a pesquisa bibliográfica**. Revista katálysis, Santa Catarina, v. 10, p. 37-45, 2007

MACHADO, Larissa Araújo Bastos et al. **Mal-estar/bem-estar e profissionalização docente: um estudo de produções acadêmicas brasileiras**. 2014.

PESSANHA, Eurize Caldas. **Ascensão e queda do professor** / Eurize Caldas Pessanha. – 3. Ed. – São Paulo, Cortez, 2001. – (Coleção questões da nossa época; v. 34)

SANTOS, Yara Magalhães dos. **Do mal-estar docente de professores do ensino médio: contribuições de Nietzsche e Freud**. **Dissertação** (mestrado) – Universidade Federal de Goiás. Programa de pós-graduação em educação. Catalão, p. 124. 2013.

SEVERINO, Antônio Joaquim. **A busca do sentido da formação humana: tarefa da Filosofia da Educação**. Educação e pesquisa, v. 32, p. 619-634, 2006.

VEENMAN, Simon. **Perceived problems of beginning teachers**. Review of educational research, v. 54, n. 2, p. 143-178.

5 ANEXO A - RESUMOS

KASPER, Samanta Antunes. **A implementação da escola de tempo integral do programa Cidadescola de Presidente Prudente/ SP: tensões no trabalho docente / Samanta Antunes Kasper.** Dissertação (mestrado) – Universidade Estadual Paulista - Faculdade de Ciências e Tecnologia. Presidente Prudente, p. 275. 2019

A dissertação intitulada “A implementação da escola de tempo integral do programa Cidadescola de Presidente Prudente/ SP: tensões no trabalho docente” foi desenvolvida no interior da linha de pesquisa “Formação dos Profissionais da Educação, Políticas Educativas e Escola Pública” do Programa de Pós-Graduação em Educação da Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” (PPGE/Unesp/campus de Presidente Prudente). Vincula-se a uma pesquisa maior intitulada Rede de pesquisa e formação sobre educação integral: experiências, movimentos, inovação e desafios contemporâneos (RINALDI, 2016). Teve como principal objetivo analisar a implementação do Programa de Educação Integral Cidadescola no município de Presidente Prudente e verificar se há indícios do mal-estar docente no trabalho dos professores que atuam com a jornada ampliada. O delineamento metodológico da investigação se pautou na abordagem qualitativa, por meio da pesquisa bibliográfica e documental, realizada na esfera federal e municipal; e da pesquisa de campo, que contou com a participação de 21 profissionais que atuam nas escolas públicas da rede municipal do município investigado. Os principais instrumentos de coleta de dados foram o questionário e a entrevista semiestruturada. O procedimento de análise dos dados se pautou na proposta de Miles, Huberman e Saldaña (2014) sistematizada por meio da (1) condensação dos dados, (2) apresentação dos dados e (3) elaboração e verificação da conclusão. Os resultados revelaram a existência de um descontentamento e insatisfação em relação à alguns aspectos, como a carga horária, demanda laboral, salário, dificuldades relacionadas ao ensino (didática), indisciplina e falta de interesse dos alunos, diminuição dos recursos financeiros, entre outros. Não foi identificado a existência de um mal-estar estabelecido no trabalho docente dos professores que atuam no Programa Cidadescola, mas a vivência de tensões que podem levar a ele. Ainda, verificou-se que o cansaço físico e mental, além do desgaste foram os principais sintomas apresentados pelos professores. Por

fim, foi possível perceber que os elementos que geram descontentamento e insatisfação nos docentes não se diferem das escolas que não são de tempo integral.

FERRAZ, Cláudia Itaborahy. **A mulher professora e seus tropeços diante da diferença.** Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Ouro Preto. Instituto de Ciências Humanas e Sociais - Departamento de Educação. Ouro Preto, p. 133. 2013.

A dissertação percorre os caminhos por meio dos quais pensamos a mulher professora e suas queixas diante da diferença do outro e o mal-estar que carrega em seus corpos do(c)entes. Reflete-se sobre o gênero feminino, pensando o contexto rural em que estão inseridas, o ser mãe-mulher-professora e a posição que assumem diante da feminilidade. Questiona-se a formação docente que desconsidera as subjetividades dentro da escola e interroga-se de que maneira a diferença de ser uma mulher pode não ser um problema e sim um dispositivo que favorece o encontro entre a professora, sua diferença e a diferença do outro. Interroga-se, ainda, a possibilidade de um deslocamento da impotência de educar para a impossibilidade de educar, pensando nesse corpo chamado educação e percebe-se que tal deslocamento não se faz alienado do processo de ser mulher. Além disso, aponta-se a feminilidade como saída para que as mulheres professoras possam amenizar o mal-estar que experimentam no cotidiano escolar; A feminilidade como espaço a ser potencializado com espaço da diferença, da alteridade. Um buraco capaz de provocar deslocamentos nas professoras no sentido da arte, da política, das reticências.

PEREIRA, Antonio Igo Barreto. **Autoridade enfraquecida, violência escolar e trabalho pedagógico: a percepção de professores sobre a ruptura dos vínculos de afeto e os mal-estares no magistério.** Tese (doutorado). Universidade Federal de São Carlos – Programa de pós-graduação em educação. São Carlos, p. 261. 2016

Este estudo abordou detalhes de um tema tornado urgente nos últimos tempos, qual seja, a violência escolar em suas relações com a perda da autoridade da escola. Teve por objetivo investigar as ligações existentes entre desautorização e violência escolar contra o professor em uma instituição de educação básica e identificar seus possíveis efeitos no trabalho docente. A pesquisa procurou dar voz aos sujeitos vitimados pela desautorização e pela violência e trazer à tona aspectos subjetivos

importantes não captados pela percepção imediata que prioriza as questões materiais e objetivas. A abordagem metodológica da pesquisa foi de caráter misto (quantitativa e qualitativa), com base nos pressupostos de Santos Filho e Gamboa (2009) e Creswel (2010). A pesquisa delineou-se como exploratória, com formato de estudo de caso e foi realizada em uma escola pública estadual de ensino médio da cidade de Rio Branco (AC). A coleta de dados foi feita em duas etapas: preliminar (levantamento documental) e principal (entrevista semiestruturada e questionário fechado). Os sujeitos foram 35 professores e 106 alunos. Os dados quantitativos foram processados com o auxílio do programa Statistical Package for the Social Sciences (SPSS) e os dados qualitativos foram interpretados pelo método da Análise de Conteúdo proposto por Bardin (2011) e Franco (2012). Entre os referenciais teóricos que serviram de base às análises e interpretações realizadas, destacam-se Arendt (2013), Adorno (2011), Adorno e Horkheimer (1985 e 1973), Michaud (2001), Delumeau (2007), Freud (1930/2010, 1921/2011) e Esteve (1999). Ao que indicam esses autores, a crise da tradição e da autoridade tem custado muito caro ao professor, pois seu ofício guarda forte ligação com o passado, de onde tira os fundamentos e saberes essenciais a sua prática. Os professores, mesmo os mais qualificados, se queixam de enfrentar hoje sérios problemas na escola por conta do enfraquecimento de sua autoridade, como a violência dos alunos, cujas consequências têm sido o desgaste e a frustração profissional. Muitos acabam adoecendo ou mesmo desistindo da profissão por não conseguirem exercer seu trabalho e não serem recompensados como desejariam.

MOURÃO, Elaine Cristina. **Mal-estar docente: um estudo psicanalítico sobre os impasses docentes na era do chamado declínio da função paterna**. Dissertação (mestrado). Universidade de São Paulo – Faculdade de Educação. São Paulo, p. 173. 2015.

Às voltas com os meandros do mal-estar docente, buscamos compreender as vicissitudes da pós-modernidade como produtoras de empecilhos, entraves para o processo de escolarização dos alunos do Ensino Fundamental I a partir da seguinte hipótese de pesquisa: o mal-estar docente é fruto de um exacerbação da função materna no campo educativo – que consiste em tentativa de rechaçar a negatividade inerente à condição humana através da exacerbação de um “funcionamento

perverso”, de excluir o erro, o insucesso do aprendizado disseminado pela proliferação de discursos pedagógicos que rejeitam que todos podem aprender, nas prerrogativas da eficácia e da tecnicização do ensino, etc. – como tentativa de apagar sua impossibilidade o que impede os professores e os alunos de livrarem-se da excessividade do imaginário? Assim, realizamos entrevistas semidirigidas que se debruçaram sobre as dificuldades com as quais os docentes lidam em sua atuação profissional e o modo com as encaram. O número de sujeitos entrevistados foi definido a partir do conceito de saturação teórica o qual estabelece que as entrevistas cessem quando ficar constatado que as entrevistas não fornecem mais elementos para aprofundar a teorização. O material coletado alimentou nossas análises, nossa discussão teórica, ou seja, o material foi utilizado ao longo de toda a nossa conceituação com o intuito de ampliarmos ou introduzirmos elementos acerca do mal-estar docente na pós-modernidade. Para isso, debruçamo-nos sobre a modernidade a fim de entender os alicerces da sociedade pós-moderna e suas implicações para o laço social, para a concepção de educação em voga, para o processo de escolarização, ou seja, voltamo-nos para a discussão de temáticas que estão relacionadas ao chamado declínio da função paterna na pós-modernidade. A partir disso, constatamos que o mal-estar docente é um fenômeno complexo o qual está atrelado aos imperativos da lógica capitalista no âmbito educacional que dissemina a exacerbação da função materna, busca apagar a impossibilidade inerente ao educar, nesse sentido, desvela-se como uma forma de fazer frente aos subterfúgios do “funcionamento perverso”- que se dissemina em nossa sociedade e prima pelo gozo em detrimento da reorganização das pulsões ante as demandas civilizatórias – e a tentativa de tornar o processo de humanização das gerações subsequentes uma empreitada eficaz o que impede o próprio professor e o aluno de livrar-se d excessividade do imaginário.

MANFRÉ, Ademir Henrique. **O mal-estar docente e os limites da experiência do tempo presente: uma leitura frankfurtiana**. Tese (doutorado). Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” – Faculdade de ciências e tecnologia. Presidente Prudente, p. 219. 2014.

Esta pesquisa, de natureza teórica, está vinculada à linha de pesquisa “Processos formativos, diferença e valores” do Programa de Pós-graduação em educação da

FCT/UNESP/Campus de Presidente Prudente/SP e discute o tema do mal-estar docente e seus vínculos com a formação. Para tanto, partimos da suposição de que o mal-estar docente é decorrente do processo de expropriação da experiência no tempo presente. Desse modo, tivemos como objetivo principal investigar em que consiste o mal-estar docente, clarificando o seu sentido. Uma das intenções da presente pesquisa foi refletir sobre as contradições geradas pela modernidade no que se refere à sua proposta de formação cultural (Bildung). Inicialmente, tecemos considerações a respeito das implicações do debate educacional acerca da temática mal-estar docente para se pensar a pobreza da experiência na atualidade. Posteriormente, discutimos as principais teses freudianas e de autores contemporâneos com relação ao “mal-estar na civilização” como processo inerente à constituição das subjetividades. Por fim, nossa preocupação foi pensar nos desafios postos pela atualidade para a realização de uma educação com base em uma experiência formativa. Nesse contexto, refletimos sobre a importância de se conceber os caminhos de uma educação comprometida com a formação dos indivíduos autônomos, capazes de buscar a sua identidade, re-significando a percepção da realidade pela via dessa mesma experiência. Enfim, vimos na Teoria Crítica um referencial teórico-filosófico que contempla a possibilidade de desenvolvermos em bases diferentes a análise do processo social em que se insere a educação escolar na atualidade bem como seus vínculos com a produção do mal-estar docente.

SANCHES, Ana Paula Rodrigues. **O mal-estar docente no contexto escolar a partir das percepções dos professores**. Dissertação (mestrado). Universidade Federal de São Carlos – Programa de pós-graduação em educação. Sorocaba, p. 122. 2015.

A pesquisa apresentada objetiva compreender o processo do mal-estar docente no contexto escolar a partir das percepções dos professores. Para o contexto deste trabalho, explicitamos algumas das tensões da pós-modernidade e questões referentes à profissionalidade docente, buscando relações com o mal-estar profissional. Trata-se de uma pesquisa qualitativa, a partir do vínculo indissociável entre objetividade e subjetividade, considerando-se que o sujeito não pode ser quantificado em seus sentimentos e ações. Para a investigação, selecionamos duas

escolas estaduais de ensino fundamental de Sorocaba, sendo que uma apresenta resultados satisfatórios e outra apresenta resultados insatisfatórios quanto ao Índice de Desenvolvimento da Educação do Estado de São Paulo (IDESP) 2014. Por meio de quinze questionários e duas entrevistas, ambos semi-estruturados, diagnosticamos e problematizamos possíveis indicadores de mal-estar entre os docentes no contexto escolar, compondo um panorama geral da temática. A partir da categorização e análise, numa triangulação de dados com a literatura específica, explicitamos percepções dos professores sobre as características de mal-estar no contexto escolar e suas possíveis implicações com as demandas atuais, a gestão de aula e as condições de trabalho e formação. Alguns temas relacionados ao mal-estar no contexto escolar sobressaíram, como a desmotivação e a indisciplina dos alunos, a violência escolar, a extensa jornada de trabalho e a pressão provocada pelas avaliações externas. Nas vivências escolares em situações de mal-estar, os professores enfatizaram o desrespeito dos alunos com o profissional e as imposições da direção escolar. Assim, a partir das categorias: o mal-estar docente em sala de aula e o mal-estar docente diante das concepções de trabalho e formação na escola, analisamos esses sentimentos dos professores na gestão do processo de ensino e aprendizagem, a forma como os atingem em suas atribuições escolares e suas perspectivas de enfrentamento da problemática a partir da formação continuada na escola.

CABRAL, Talitha Estevam Moreira. **O processo de adoecimento do magistério público primário no início do século xx: indícios do mal-estar docente nos grupos escolares mineiros (1906-1930)**. Dissertação (mestrado). Universidade Federal de Viçosa. Viçosa, p. 143. 2015.

Tendo como objeto de estudo o processo de licenciamento docente e a saúde do professor, essa pesquisa busca analisar a situação de mal-estar docente, adoecimento e afastamento dos docentes das salas de aula dos grupos escolares mineiros no início do século XX. Para isso, serão consideradas as relações de trabalho instituídas nas reformas educacionais implantadas pelo governo mineiro nos anos compreendidos entre 1906 e 1930. A escolha por esse recorte temporal se justifica principalmente por ter sido esse um período de mudanças no processo de organização da escola pública primária. A partir da Proclamação da República e após

a disseminação dos grupos escolares, ocorreram mudanças nos âmbitos pedagógico e administrativo das instituições escolares, uma vez que a normatização legal produzida acarretou transformações nas relações entre professores, alunos, comunidade e administradores escolares. O que se deduz, portanto, é que as inovações difundidas com a criação desses educandários em Minas Gerais podem ter contribuído para a situação de mal-estar e para o conseqüente afastamento dos professores da profissão naquele momento histórico. Diante deste quadro, algumas indagações começaram a nos instigar: há relações entre o adoecimento docente e a organização do trabalho pedagógico repercutido pela criação dos grupos escolares? Como se manifestava o processo de adoecimento docente no início do século XX em Minas Gerais (MG)? Essas são, portanto, as questões centrais desse trabalho. Com o intuito de tentar responder às proposições supracitadas, realizamos uma pesquisa bibliográfica acerca da implantação dos grupos ix e sua relação com um suposto desconforto na profissão. Além das fontes bibliográficas utilizadas na consecução dessa investigação, outra estratégia relevante foi a consulta ao acervo do Arquivo Público Mineiro (APM), com sede em Belo Horizonte (MG). Através das pesquisas documentais realizadas, tornou-se possível localizar fontes primárias como atas, cartas, ofícios, relatórios, atestados médicos etc. Foram problematizados os dados referentes às licenças dos docentes no período estudado, visto que tais documentos poderiam representar a expressão do incômodo a que os professores estavam submetidos no exercício da profissão no período em foco.

ANTUNES, Sandra Maria Pateiro Salgado Noveleto. **Readaptação docente: trajetória, profissional e identidade**. Tese (doutorado). Universidade Metodista de São Paulo. São Bernardo do Campo, 2014.

O presente texto, que tem como ponto de partida a Dissertação de Mestrado intitulada *Readaptação docente trajetória profissional e identidade*, insere-se no campo das Políticas Públicas em Educação. Atem-se, especificamente, na compreensão dos fenômenos sociais que influenciam as condições de trabalho docente e que provocam impactos na saúde dos profissionais da Rede Estadual Paulista. Dessa forma, busca-se apresentar uma reflexão sobre a trajetória profissional e identidade dos professores readaptados, a fim de propiciar uma discussão sobre os resultados obtidos com a pesquisa de campo realizada a partir

de uma abordagem metodológica qualitativa. O estudo, realizado a partir de revisão bibliográfica e estudo de campo, aponta que as readaptações, por motivo de doenças ligadas às questões psicológicas como estresse e depressão, são graves. O número de afastamentos vem aumentando de forma alarmante nos últimos anos no Estado de São Paulo, lócus da realização da pesquisa, sem que haja políticas públicas que atentem para a melhoria da qualidade das condições objetivas para que sejam evitados o mal-estar e o adoecimento docente nas escolas públicas estaduais.

GONÇALVES, Oneli de Fátima Teixeira. **Respostas que o professor produz quando se diz angustiado no trabalho docente.** Tese (doutorado). Universidade Federal de Minas Gerais – Faculdade de Educação. Belo Horizonte, p. 238. 2016.

Esta tese é o resultado de uma pesquisa-intervenção de orientação psicanalítica, realizada com um grupo de docentes da Educação do Campo e outro da Educação Urbana, em escolas da rede pública do estado do Pará. Utilizamos o dispositivo de escuta em que o pesquisador-interventor oferta-se como objeto da transferência para captar os efeitos que o inconsciente comunica, sobre alguma verdade parcial do sujeito, através da fala e do discurso do professor quando se diz angustiado no trabalho docente. Constata-se que a presença do mal-estar desencadeia o que muitos desses professores chamam de angústia. Como uma variação topográfica da angústia, o mal-estar é o sofrimento que ameaça o humano a partir de três fontes: do próprio corpo como um sinal de advertência; do mundo externo que podem voltar-se contra o próprio sujeito como força de destruição esmagadora e impiedosa; e, por último, surge do relacionamento entre sujeitos na cultura. A coleta de dados é constituída a partir de duas ferramentas metodológicas: a Roda de Conversa e a Entrevista de Orientação Clínica. Os docentes da Educação do Campo e da Educação Urbana, cada um em seu tempo, respeitando a singularidade, respondem de forma muito própria ao dizer que são acometidos de intenso mal-estar no trabalho docente. Mesmo sabendo que, de maneira geral, pode ser a forma como a angústia se apresenta no real do sujeito, a angústia identificada no estudo difere da angústia original como nos ensina Freud e Lacan. Em função da incomunicabilidade com o que há de real do sujeito, a angústia verificada, surge a partir de um repertório de queixas que o professor apresenta a fim de encobrir algo da ordem do real. Todavia, a pesquisa é capaz de constatar certo bordejamento, ou contorno, de como a

angústia se apresenta e é produzida por esses mesmos professores. Os docentes da Educação do Campo, cada um a seu modo, tende a produzir respostas que os levam a uma implicação com o trabalho docente, mesmo diante de uma realidade precária a qual estão submetidos para o exercício da profissão de professor. O interessante é que esses mesmos docentes encontram vetores vitais que o fazem funcionar deslocando-se do lugar de gozo, que poderia fazê-lo permanecer na queixa, passando a ocupar outra posição, isto é, a de produzir saídas que demonstram uma articulação com o que há de ideal do sujeito. Já na Educação Urbana em que a estabilidade no trabalho está posta, o mal-estar é justificado pelo comportamento problemático do aluno, que se mostra refratário às investidas pedagógicas do professor produzindo, em alguns, o padecimento. O mal-estar aparece no contexto da cidade como “um ponto de angústia”, que se traduz pela educação de difícil manejo por parte de quem é incumbido de realizá-la.

MALACRIDA, Vanessa Ananias. **Ser professor no contexto do século XXI: representações sociais de professores.** Dissertação (mestrado). Universidade do Oeste Paulista. 2012

Esta pesquisa intitulada “ser professor no contexto do século XXI: representações sociais de professores” está vinculada a linha de pesquisa 2 – Formação e Prática Pedagógica do Profissional Docente, do programa de mestrado em educação da UNOESTE de Presidente Prudente-SP. Teve como objetivo identificar as representações sociais de professores sobre “o que é ser professor no contexto do século XXI” e identificar as principais dificuldades, desafios e inquietações desses profissionais. A investigação obedeceu à abordagem qualitativa e às características específicas do estudo de caso sugeridas por Robert Yin. Devido ao impacto causado pelas transformações sociais e pelas novas tecnologias da informação a clientela escolar atual é bem distinta daquela para qual a escola foi pensada inicialmente. A estrutura escolar herdada da modernidade, não se encaixa na nossa realidade pós-moderna. Os sujeitos dessa pesquisa foram 112 professores efetivos do Ensino Infantil e Fundamental do 1º ao 5º ano da rede municipal de uma pequena cidade da região de Presidente Prudente. Os dados coletados para análise se fundamentaram e se apoiaram na análise de conteúdo proposta por Bardin. Os resultados da pesquisa apontam para necessidade de implementação dos currículos de formação

inicial e continuada incluindo discussões e aulas práticas relacionadas aos desafios atuais, uma vez que, o choque com a realidade tem despertado o sentimento de despreparo frente aos novos desafios. Os programas de formação de professores, a ação docente e o sistema educacional precisam adequar-se ao contexto da nova ordem social. As tentativas de reforma têm fracassado aumentando o sentimento de crise entre os professores e contribuindo para o “mal-estar docente”. Faz-se urgente a necessidade de investimento na profissionalização e valorização docente e aumento do apoio social aos professores para se combater essa doença social, que é o mal-estar docente e melhorar a qualidade da educação.